novas da galiza

número 154
Março 2017
3 euros

panóptico
Juízo político pola ocupaçom da Sala Iago 12

em movimento
Maragoto (AGAL): "Somos um movimento em expansom" 18

a terra treme
Aulas de língua para as refugiadas em Portugal 20

xabier vieiro

8 a 11

Aquicultura pom em jogo o futuro do mar

Europa e o Estado espanhol procuram desenvolver a indústria aquícola, que medrou inçada de irregularidades

ACONTECE / **5**

Os três feminicídios que o Governo espanhol se negou a reconhecer

Os governos galego e espanhol utilizam o conceito de violência machista, umha categorizaçom que abrange os crimes realizados por companheiros ou ex-companheiros da vítima mas deixa fora outros casos de feminicídio. Apenas em 2016 deixárom de contabilizar-se dous feminicídios ocorridos na Galiza e um deles mantém-se em investigaçom embora a obviedade do caso.

DIREITOS / **14-17**

As crianças roubadas polas congregaçons eclesiásticas

A viguesa Noemi Lima foi a primeira em levar perante os julgados a monja que a vendeu por 104 mil pesetas no hospício de Teis. Ainda que a sua mae biológica declarou perante a juíza que nunca consentiu a adopçom, a causa foi arquivada. Mesma sorte tivo Maria Jesús Loureda que após gastar mil euros em laboratórios privados segue sem saber se a sua filha está viva ou morta. Todas denunciam o desamparo sofrido a nível social e judicial ao ser tomadas, ainda a dia de hoje, como simples tolas.

carla trindade

CONSELHO DE REDAÇOM/
Aarón L. Rivas, Ana Viqueira, Charo Lopes, Maria Rodinho, Raul Rios, Rubén Melide, Xian Naia S.

ECONOMIA/ Raul Rios
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
CORPOS/ Ana Viqueira
O BOM VIVER/ Rubén Melide

CORREÇOM LINGÜÍSTICA/
Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Mário Herrero, Vichu Garcia Torea
MAQUETAÇOM/
Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/
Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/
Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/
Gustavo Luca, Isaac Lourido, Xabier Vieiro, Borxa Toxa, Zélia Garcia, Carla Trindade, Piloto Pirx, a. p., Maria Álvares Rei, Miguel Áuria, João Aveledo, Nerea Lameiro, Alba Maria Rodríguez, Maria Bagaria Frá, Winston Smith

FECHO DE EDIÇOM/ 20/03/2017

EDITA/
Asociaçom Cultural Minho Media

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

EDITORIAL /
O mar é um campo de batalha

brindavoine2002

Nas costas galegas estám a se desenvolver atuaçons que despossuem a populaçom do acesso aos recursos naturais e entrega estes para as grandes transnacionais. Tal iniciativa nom poderia efetivar-se sem o apoio das administraçons a diversas escalas -autonómica, estatal e supraestatal-, nas quais os lóbis das transnacionais trabalham a diário por ver cumpridas as suas necessidades e onde o fenómeno das 'portas giratórias' (pessoas da administraçom que passam a trabalhar em grandes empresas ou vice-versa) é umha realidade palpável.

Se umha indústria se viu beneficiada pola administraçom galega, especialmente desde a chegada de Alberto Núñez Feijó à presidência da Junta, é a da aquicultura. Após a legalizaçom de diversas irregularidades urbanísticas com as que as empresas aquícolas operavam, a Junta declarava a aquicultura como interesse público de primeira orde, abrindo a porta à sua instalaçom em zonas protegidas ambientalmente. Porém, a forte mobilizaçom que rechaçou o anteprojeto de Lei de Aquicultura da Junta desvendou a ampla oposiçom popular a estes projetos.

O que será do mar? O último relatório da organizaçom das Naçons Unidas para a Alimentaçom e a Agricultura (FAO) sobre o estado global da pesca e da aquicultura assinalava que por vez primeira, em 2014, a produçom aquícola superava a produçom extrativa de peixe para consumo humano. A FAO fala mesmo de "umha nova etapa" a partir de 2021, para quando prevê que a produçom aquícola supere na sua totalidade à extrativa a nível global. Umhas perspetivas que converteriam Galiza numha exportadora de rodavalho, a espécie maioritariamente cultivada nas piscifatorias implantadas nas nossas costas.

Nas vilas marinheiras há um conflito entre a defesa do entramado socioeconómico tradicional do mar, com todos os postos de trabalho que gera em diferentes setores, e a entrada de projetos empresariais que levam cara a umha privatizaçom dos recursos e espaços, sejam piscifatorias ou complexos hoteleiros nos faros da Costa da Morte. Nas luitas de hoje está a semente do futuro e, tanto na terra como no mar, urgem iniciativas que permitam a gestom dos recursos por parte da populaçom e construam a Galiza livre de exploraçom do amanhá.

assim nos vai

Tempos e tarefas

Quando remata umha reuniom do conselho de redaçom saímos do local com umha cheia de tarefas apontadas na agenda: conseguir fotos, contatar com pessoas, lembrar as datas de entrega... Trabalho todo este que se vai desenvolvendo nos dias a seguir da juntança e que nom está livre de abafos e dificuldades, sobretudo para quem tem que conjugar toda esta labor com umha jornada laboral, com estudos ou com o cuidado de pessoas. Somos cientes desta realidade e vemos como um primeiro passo para esta conjugaçom se materializar a ampliaçom da equipe para que os tempos que se lhe dediquem às tarefas estejam mais repartidos, no possível.

Mas há também muitas outras tarefas que sabemos necessárias mas que nom chegárom ainda a se instalar nestas nossas agendas. Ademais da procura de novas maos -tarefa em que já começamos a andar- temos pendente renovar a mobília do local, realizar um convívio com as nossas colaboradoras, preparar as apresentaçons polo país adiante, melhorarmos a comunicaçom... Tarefas todas estas que já se enumerárom em diversas reunions, mas que por estar afastadas da parte mais produtivista deste projeto -a elaboraçom de conteúdos - vam ficando aplastadas polas folhas do calendário. Assim, queremos dar passos para sairmos dessa roda que gira arredor do trabalho produtivista e darmos tempo e espaço a todas estas cousas que se nos atascam. Bem-vindas serám novas pessoas para diagramar, escrever, tirar fotografias... Mas quiçá haja também que formular a despedida dalgumhas formas de trabalhar. Continuaremos a experimentar neste laboratório de ideias que é o Novas.

aarón l. rivas / conselho de redaçom

FÉ DE ERROS
No passado número 153, na entrevista com Xabier Pérez Davila (pags. 18-19), foi publicado que "Já que a partir de 3.642 euros os salários nom quotizam, ao aumentar este tipo de salários reduz-se a percentagem de massa salarial que nom quotiza"; quando no sítio de "reduz-se" deveria pôr que "aumenta". Por outra parte, mais adiante indicava-se erroneamente que o défice da Segurança Social pode chegar este ano aos 8.000 milhons de euros, quando em realidade a cifra é 18.000 milhons.

Seqüestrárom as Caixas enquanto a Autonomia estava ausente

GUSTAVO LUCA

Galiza foi durante a Ditadura o único espaço económico atrasado que era ao tempo subministrador neto de recursos financeiros. Um país pobre obrigado a fornecer de aventuras industriais em áreas ricas com o seu aforro emigrante defendia a conversom das Caixas de Aforro (CCAA) em banca pública galega para a gestom das suas reservas, ainda que esta ideia circulá-se apenas fora dos meios censurados.

Assistindo ao processo e condena de alguns dos mesmos diretores que padeceram em tempos recuados aqueles abusos, sentimos o regresso da história como caricatura, nom só pola apropriaçom indevida a maos de atores do País premiados com Medalhas Castelao, senom por terem facilitado o caminho para o seqüestro e privatizaçom das CCAA.

O que antes era censura sobre as CCAA é desta vez ocultamento: onde estava o Governo da Autonomia cando se cometia um delito contra um bem nosso de grande importância?

O governo de Fraga instalara-se em começos de 1990. Fracassado sem remissom em Madri, o fundador do PP cedia à vontade dos seus barons de faturá-lo para Santiago a condiçom de governar com "maioria absoluta". Após um silêncio incrédulo dos conselheiros do seu partido, o ex-ministro da censura decretava: "preparamos duas sacas com 700 votos em Caracas". Dizem que foi o derradeiro favor de Carlos Andrés Pérez.

Nessa situaçom de força, Fraga impujo a uniom das caixas de aforro do sul do país, em 15 de março de 1999, com a intençom manifesta de adiantar a fusom. Mais a agenda traçada para este fim pola Junta seguiu o vieiro oposto, de patrom caciquil clássico, consistente em acentuar a divisom entre as caixas do norte (unidas em 1978) e as do sul, e utilizar o desacordo num exercício inequívoco de dividir para medrar o poder pessoal. Os executivos de Caixa Galicia e Caixanova nunca perdérom ocasiom de se manifestar ingenuamente honrados do trato direto com o ex-ministro de Franco e de servir-se da sua capacidade de mediaçom perante a administraçom bancária estatal.

Sucursal em Sárria de Caixa de Aforros e Montes de Piedade (1954)

A fusom das caixas foi imposta por Núñez Feijó, segundo declarou o diretor geral de Caixanova

É assim como as CCAA da Galiza vírom passar o trem das unions doutras caixas no Estado, nomeadamente das bascas e catalanas, enquanto o governo de Santiago usava contra as do país a mentira e a conspiraçom para evitar a fusom. Um informe do Banco de Bilbao calculava em 2003 um incremento do 50% para as CCAA Galegas no caso de se fusionarem, para além de aumentar em eficiência e competitividade. Diferentes estudos sobre as CCAA publicados naqueles anos coincidiam em que o primeiro obstáculo para a fusom de Caixa Galicia e Caixanova estava "no argumento falso da provável perda de competitividade, circulado polos poderes políticos em defensa da sua prevalência caciquil".

Coas CCAA em plena solvência, o governo de Pérez Touriño (2004) estraga a derradeira oportunidade de fusom com balanços positivos. "A dualidade Norte-Sul que registra Galiza corresponde a vetores culturais e históricos e a fusom nom se deve chegar por imposiçom política senom por evoluçom das próprias dinâmicas financeiras". Meses depois, Fraga defende em Montevideo a posta em funcionamento da nova fábrica de pasta de ENCE, o projeto mais arriscado de Caixa Galicia, para intervir no mercado norte-americano de pasta de papel de fibra longa, procedente de cultivos próprios de mais de 35.000 hectares no Uruguai.

É necessário reparar neste enorme chasco que acabará levando Caixa Galicia para a falência. Fraga ilustra os uruguaios sobre as venturas que a celulosa de Lourizám atirou sobre Galiza, entre

(continua na página 4)

LÍNGUA E JUSTIÇA SOCIAL

Argumentos para o reintegracionismo

ISAAC LOURIDO

O ruído gerado polos debates sobre as línguas mal esconde umha relativa pobreza e circularidade nos argumentos para a defesa do galego. Ainda que o reintegracionismo, sobretodo a AGAL do último lustro, tenha atuado como umha interessante fábrica para a renovaçom discursiva e da mobilizaçom social, a história está a colocar o movimento perante desafios que agudizam várias das suas contradiçons, enquanto movimento mais plural e diverso na sua composiçom e nos seus objetivos do que costuma ser reconhecido.

Estamos portanto na altura certa para rever criticamente o reintegracionismo banal construído, incorporado e reproduzido polo ativismo das últimas três décadas. E para reconhecer que o conceito de lusofonia nom é de maneira nenhumha consensual – sobretodo polas suas remoras racistas e coloniais ; que a Comunidade de Países de Língua Portuguesa é comummente observada como indigno 'lobby' de interesses económicos e empresariais; que o Acordo Ortográfico está a padecer um rechaço importantíssimo em Portugal, com argumentos muitas vezes nacionalistas e eurocéntricos, mas nom só. Ou que, como bem explica Carlos Pazos no livro *A imagem da Galiza em Portugal* (Através Editora), as relaçons atuais com o país vizinho estám muito condicionadas polo ruído e a invisibilidade.

charo lopes

Ainda que o reconhecimento no mundo da língua portuguesa seja imprescindível em termos estratégicos, fazemos mal se o imaginarmos como objetivo ou paraíso final, e se calculamos que esse reconhecimento poderá ter pleno efeito enquanto o estado espanhol continue a ser o que é. Porque se o caso, como outras vezes, continuamos a ser fundamentalmente nós (e nom apenas a nossa língua), o reintegracionismo só poderá revalorizar a sua posiçom se consegue funcionar como movimento que contribui para a crítica radical dos relatos do fracasso – por exemplo sobre a normalizaçom (política, cultural, linguística) enquanto versom regional da Transiçom – e para a imaginaçom de um novo modelo social mais justo.

Trata-se entom simplesmente de criticar relatos e de imaginar sociedades justas? Nom só, com certeza. Trata-se tamém, ou sobretodo, de fazer, de reconhecer a potencialidade ds margens, de abandonar o lamento e a poética da derrota, de nom pedir aos partidos políticos mais umha declaraçom unitária. Com a humildade de reconhecer que nom podemos saber qual seria hoje a situaçom do galego se a estratégia reintegracionista tivesse vigorado há quarenta anos, mas com o orgulho de colocar como objetivo umha mudança social que nos reconcilie com o mundo e nos constitua como comunidade.

Isaac Lourido é investigador em literatura.

(vem da página 3)

elas umha sentença por delito ecológico e 35 anos de lumes sem um só incendiário detido. As plantaçons sublevam o mundo labrego expulsado pola árvore incendiária e a indignaçom popular, nas duas beiras do rio Uruguai, bloqueiam a fábrica de pasta. Eduardo Galeano comenta: "Nas novas plantaçons madeireiras nom cantam os pássaros. Nada tenhem a ver com as velhas fragas arrasadas, que foram fonte de vida diversa, com estes exércitos de árvores todas iguais como soldadinhos em fileira, destinados ao serviço industrial".

Chamando terrorista em Montevideo à maré alçada contra a celulosa de Fray Bento, Fraga inspira caricaturas que lembram o seu retrouso famoso "La calle es mia!". Qualquer poderia pensar que a fábrica também era sua ao ver a sua beira aos conselheiros da Caixa Galicia (dona de ENCE) assustados pola fatura do previsível fracasso da operaçom: a fábrica abandonada, o pessoal despedido, a intendência espairecida, os montes saldados.

O discurso afónico de Fraga em Montevideo era em troca de umha pequena fábrica automática de papel que servisse de seguro de vida de ENCE em Lourizám, para além do remate da concessom, em 2017, e também como vingança contra a ressolta exigência da alcaldia do BNG e do povo de Pontevedra para o translado da fábrica.

A fusom entre Caixanova e Caixa Galicia foi imposta por Alberto Núñez Feijó, segundo explicou o diretor geral de Caixanova aos juízes. A mesma pressom que nom fixo Fraga, só para obter por meio da divisom o que melhor servisse a sua paixom polo poder, aplicou-na Núñez sobre caixas em falência, com o resultado previsível do saldo e desapariçom do sistema de crédito básico do país. O castigo coletivo supera em gravidade e alcance a sentença dos gestores cachados com as maos na caixa.

Gustavo Luca é jornalista

VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Os três feminicídios que agochou a lei

O Governo espanhol só reconheceu o carácter machista na metade dos feminicídios que se produzírom o ano passado na Galiza

Redaçom
conselho@novas.gal

galiza contrainfo

O assassinato das mulheres polo simples feito de serem mulheres é a definiçom mais básica do que é um feminicídio. As teóricas Diana Russell e Jane Caputi creárom o conceito em 1990 sustendo que o objetivo dessa violência cometida por homens, de forma deliberada ou nom, é perpetuar a supremacia masculina.

Quatro anos depois, a mexicana Marcela Lagarde ressignificaria o conceito acrescentando um elemento de alta importância, a impunidade do crime. Lagarde explica que o feminicídio é um crime de Estado porque se um governo nom trabalha especificamente por rematar com um delito, converte-se em cúmplice e responsável do mesmo.

Tanto o governo galego como o espanhol nom utilizam o conceito feminicídio senom que preferem o de assassinatos machistas, umha categorizaçom onde se englovam os crimes realizados polos companheiros ou ex-companheiros da vítima. Ambos países só mudárom o termo de crime passional ao de crime machista sem ter em conta a teoria feminista e negando a estrutura global da violência contra as mulheres.

A consequência mais imediata desta anomalia topa-se nas cifras, o Ministério de Igualdade nom reconhece determinados feminicídios. Tam só no 2016 deixárom de contabilizar-se dous feminicídios ocorridos em Galiza e um deles mantém-se em investigaçom embora a obviedade do caso.

Os feminicídios que Espanha nom reconheceu

O 19 de fevereiro em Porto do Som, os agentes da Guarda Civil topárom o corpo de Rosa Rego, de 57 anos, com sinais de violência logo de ser golpeada e atirada pola janela. Na mesma vivenda, dérom com o corpo sem vida da sua parelha e assassino que decidiu suicidar-se ingerindo umha grande quantidade de fármacos. Embora constituir um feminicídio íntimo, isto é, cometido polo companheiro da vítima, nom foi considerado como tal. Fontes da investigaçom argumentárom que nom podiam descartar que Rosa Rego cai-se de forma fortuita convertendo-se a sua morte em acidental.

No fim do mês de abril, em Ferrol, Víctor Timiraos confessou ter matado a Marta Sequeiro no bar onde ela trabalhava trás manter umha discussom, já que ele nom queria abandonar o estabelecimento embora Marta lho pedira reiteradamente. Ao nom existir umha relaçom sentimental, nom se considerou o conteúdo machista do crime

> Na Galiza e no estado espanhol mudou o termo de crime passional para o de crime machista sem ter em conta a teoria feminista e negando a estrutura global da violência contra as mulheres

Ademais, a Fiscalia qualificou os feitos de homicídio já que nom viu nequícia nas 64 facadas que Timiraos lhe perpetrou em todo o corpo, 31 na cara e cabeça. A autopsia revelou que nenhumha das feridas foi mortal e que, finalmente, morreu dessangrada. Como protesta, a irmá da vítima, Silvia Sequeiro, empreendeu umha luita com concentraçons e folhas de assinaturas para que, como mínimo, se lhe dê a categoria de assassinato ao crime contra Marta.

Entretanto, o Ministério de Igualdade investiga o carácter machista do assassinato a facadas contra Tatiana Vázquez Abuín embora a obviedade do crime. O principal suspeitoso do feminicídio, cometido o 9 de abril em Lugo, é o seu ex-companheiro Ibrahim Ndiaye, em prisom provisional por este caso.

Três feminicídios oficiais

Em troca, o Ministério sim reconheceu os outros três feminicídios que ocorrêrom em 2016. Um deles é o assassinato de Ana Gómez Nieto cometido o 11 de fevereiro. A sua parelha José Manuel Carballo matou-na com umha espingarda diante do seu filho de 16 anos.

A fins de dezembro, César Adrio matou Ana Enjamio no portal da sua casa em Vigo trás cortar a sua relaçom sentimental. O acusado permanece em prisom provisional. Um dia antes desse assassinato, Elena Marcu era esfaqueada em Compostela polo seu ex-companheiro Adrián Burlacu que. dias despois, suicidou-se numha finca situada no Pico Sacro, em Boqueixom.

acontece

Ana Viqueira
anaviqueira@novas.gal

Os feminicídios só podem prever-se de abaixo, assegura Lola Ferreiro, que explica que a personalidade das mulheres fica construída, entre outras, em base à abnegaçom e a repressom do pulo agressivo. Umha das consequências, explica Ferreiro, é a ausência do autocuidado e a incapacidade de levar à prática os direitos interpessoais. Um desses direitos, por exemplo, é ser às vezes as primeiras. Este maltrato continuado contra mais da metade da populaçom nom pode ficar desligado do assassinato de mulheres por causas evitáveis.

Lola Ferreiro, ativista feminista e psiquiatra.

charo lopes

"A culpa fai que as mulheres nom exerçam os direitos interpessoais"

Por que é importante chamar feminicídio ao feminicídio?

É importante porque evidencia a cara mais grave e sangrante da violência de género física. Contudo, tanto na Galiza como no Estado espanhol chamamos feminicídio só a algum feminicídio. Lembremos que o conceito recolhe todos os assassinatos de mulheres seja qual for o seu vínculo com o agressor.

Mas entom, o que é feminicídio para as instituiçons?

Seguem a lei integral contra a violência de género que é totalmente reducionista. Considera feminicídio os assassinatos de mulheres cometidos por homens que tinham um vínculo afetivo com elas. Nom se pode fuzilar um termo assim. Marcela Lagarde defíne-o como a morte dumha mulher por causas evitáveis. No dicionário recolhe-se agora a palavra feminicídio mas é umha armadilha porque nom define bem o conceito e agora semelha que nom é umha questom pendente.

Como explicarias desde a tua óptica a violência de género?

Como um conjunto de atuaçons diretas, estruturais ou simbólicas, que tenhem por objetivo apagar a vontade das mulheres e impedir que extralimitem a posiçom de igualdade.

"Existe umha enorme falta de formaçom sobre as patologias das mulheres e isso é violência estrutural"

Socialmente temos interiorizada esta definiçom?

Nom, cada vez que acudo a um foro ou umha palestra pido às pessoas que imaginem a primeira imagem que se lhes vem à cabeça quando digo violência de género. A maioria vê um homem batendo numha mulher porque é o que está no imaginário social. Ficam excluídas do visível a violência psicológica, emocional...

Os meios de comunicaçom conformam o quarto poder e por enquanto associem a violência de género com um pequeno número de formas dessa violência, socialmente nom poderemos vê-la em conjunto.

Para além da comunicaçom, há mais setores responsáveis?

O primeiro a educaçom formal, onde existe umha parte de responsabilidade que depende da titularidade da escola. Os planos de coeducaçom som nulos e os de formaçom do professorado, também nulos. Sumamos os recortes nos pós-graduaçom de género e o sistemático incumprimento da lei integral contra a violência de género onde se recolhe que em todos os níveis de ensino, da primária até a universidade, devem existir aulas de co-igualdade, mas nunca se levárom a cabo.

A saúde das mulheres também é sempre maltratada. Dá-se umha enorme falta de formaçom sobre as patologias das mulheres e isso é violência estrutural. A Organizaçom Mundial da Saúde, nada suspeitosa de ser feminista, indicou há mais dumha década doenças físicas e emocionais vinculadas com a violência de género. Aos Estados sempre se lhes enche a boca falando da OMS

"Educam as mulheres para nom tirar para fora o pulo agressivo e ao coibir-nos agredimo-nos a nós mesmas, o que explica muitos problemas de saúde"

charo lopes

mas o que fam ao respeito? Som necessárias políticas públicas sobre a saúde das mulheres, que é diferente à dos homens, e pô-las em relaçom com o que as provoca. O direito a saúde em democracia é fundamental.

Os sintomas de determinadas doenças, como os infartos de miocárdio, som diferentes nos homens e mulheres. Como é possível que nom se informe sobre umha cousa tam essencial?

No caso dos infartos agudos, as 72 horas que lhe seguem som fundamentais. Como também há feministas tolas no sistema sanitário, decatárom-se de que as mulheres faleciam duas vezes e meia mais do que os homens, o que é muitíssimo. Non só dentro do sistema sanitário tardárom bastante em assumir esta ideia senom que a informaçom nom consegue transcender. Se umha mulher nom sabe que está a sofrer um infarto, nom vai ir a urgências. Isto só é a ponta do iceberg.

Como?

A pessoalidade da mulher tem como base a abnegaçom, portanto a ausência de autocuidados, ademais dumha repressom da agressividade. Educam as mulheres para nom botar fora esse pulo e entom, ao coibir-nos, agredimo-nos a nós mesmas o que explica muitos problemas de saúde. Se nom contamos com isto e só vemos o modelo masculino, estamos a maltratar a metade da populaçom.

Que armas devemos usar contra isto, seja individual ou coletivamente?

É necessária umha sincronia entre as diferentes dimensons da luita. A clave está no empoderamento. A maioria das mulheres nom conhece os seus direitos interpessoais mas sim os laborais, os políticos... Também há quem os conhece mas nom consegue desenvolvê-los.

Quais som esses direitos interpessoais?

Temos 26. Agora mesmo, só vou destacar um: o direito a ser, por vezes, as primeiras. A maioria nom é quem de levá-lo à prática. Para isso está a culpa cristá, para sentir-nos mal. Assim, a cada vez que somos as primeiras sentimo-nos mal. Portanto, cumpre organizar-nos e nom só a nível formal senom também como um grupo de amigas.

"É necessária umha aliança entre mulheres, que todas tenham no mínimo um referente organizativo"

As dificuldades de exercer os nossos direitos interpessoais vinculam-se com violências tam altas contra nós como som os feminicídios?

É que os feminicídios só se podem erradicar de abaixo! Desde o primeiro momento em que as mulheres se organizárom, na revoluçom Industrial, no fim de XVIII, o movimento feminista consegue direitos formais e multiplicam-se as organizaçons de mulheres dentro e fora de coletivos mistos. Trata-se também de que todas as mulheres tenham no mínimo um referente organizativo.

Na atualidade, consideras adequadas as ferramentas com as que luita o movimento feminista em geral?

Sim, está-se a trabalhar bem na denúncia contra a violência estrutural. Mas há que lembrar que no setor público também há fenda salarial e o Estado olha para outro lado. O que temos de melhorar é a cumplicidade e apoio das companheiras de organizaçom. Nom temos ferramentas na reivindicaçom e exigência dos direitos interpessoais, cada vez que os exercemos sae um reproche: "que má és".

Onde deveríamos construi-las?

O mais importante é a sororidade, a construçom de alianças entre mulheres no interpessoal. Devemos deixar de colocar as mulheres baixo suspeita e unir-nos. De facto, quero aproveitar para fazer um chamado à sororidade em todos os níveis: em termos económicos, sociais, políticos e também no interpessoal. Deixar de pensar em que somos umhas exageradas porque a realidade é que estamos a ficar mui cortas.

no foco

PRIVATIZAÇOM DO LITORAL / INDUSTRIALIZANDO AS ÁGUAS

xabier vieiro

Aquicultura: a indústria que a Administraçom fijo medrar

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Em fevereiro de 2016 a Junta retirava o anteprojeto de Lei de Aquicultura ante a mobilizaçom popular, afirmando a conselheira do Mar, Rosa Quintana, que negociaria com o sector do mar umha Lei de Aquicultura consensual. Um ano depois, tal negociaçom nom se deu, ou polo menos nom de forma pública. Porém, a Europa e o Estado espanhol estám a dar passos para desenvolver a indústria aquícola, que na Galiza medrou inçada de irregularidades.

A Associaçom Empresarial de Aquicultura de Espanha (Apromar), em que participam empresas com plantas instaladas na Galiza como a Stolt Sea Farm, Cupimar, Galician Marine Aquaculture ou Insuíña -filial da Pescanova -, vem de analisar a situaçom da atividade aquícola no Estado espanhol e aprecia o final da estagnaçom desta atividade com um crescimento na produçom de 10% em 2015 em relaçom ao ano anterior. Os objetivos da Apromar passam por conseguir a simplificaçom dos trámites administrativos para o desenvolvimento do sector aquícola. Além disso, esta organizaçom espera que em 2017 apareça umha nova Lei de Aquicultura estatal que beneficie os seus interesses.

Se bem que a mobilizaçom popular no nosso país tenha conseguido paralisar a aprovaçom da Lei de Aquicultura da Junta da Galiza, agora é a administraçom espanhola, do mesmo modo que antes o figeram as instituiçons europeias, a que está a dar passos para o desenvolvimento da indústria aquícola. O governo espanhol apresentou há uns meses um rascunho de Decreto para o Ordenamento do Espaço Marítimo em que considera a aquicultura como umha parte do desenvolvimento sustentável deste espaço.

Umha história de ilegalidades

A expansom das plantas aquícolas nom foi um exemplo de sustentabilidade e na própria memória do Plano Diretor da Aquicultura Litoral, aprovado em 2013, se diz que "a realidade monstra-nos umha situaçom do sector que nom semelha casar bem com o atual modelo de preservaçom do litoral". Na aquicultura litoral há umha espécie predominante, tornando a produçom aquícola galega numha espécie de monocultura: o rodavalho, do qual em 2015 se produzírom no nosso País umhas 7.715 toneladas. Por detrás situaria-se a produçom de linguado cultivado, que nesse mesmo ano atingiu umhas 380 toneladas. Este modelo de exploraçom está liderado por duas multinacionais, a Stolt Sea Farm, sediada no Luxemburgo, e a Pescanova.

A Stolt Sea Farm conta com plantas em vários pontos da Costa da Morte, sendo a principal a instalada em Lira - concelho de Carnota -, atualmente numha área que está a ser gerida como umha reserva marinha. Aprovou-se a ampliaçom desta instalaçom a finais

Produziram-se em 2015 umhas 7715 toneladas de rodavalho

A expansom das indústrias aquícolas está cheia de irregularidades urbanísticas

PRIVATIZAÇOM DO LITORAL / INDUSTRIALIZANDO AS ÁGUAS

de 90, mas a Stolt executou-na sem contar com licença urbanística. Finalmente, em 2012, a Junta comandada por Alberto Núñez Feijoo legalizava tal situaçom declarando o interesse supramunicipal desse projeto. Se se fai seguimento da expansom da Stolt polas rias galegas, vê-se que é umha constante construir e explorar primeiro e conseguir as licenças depois.

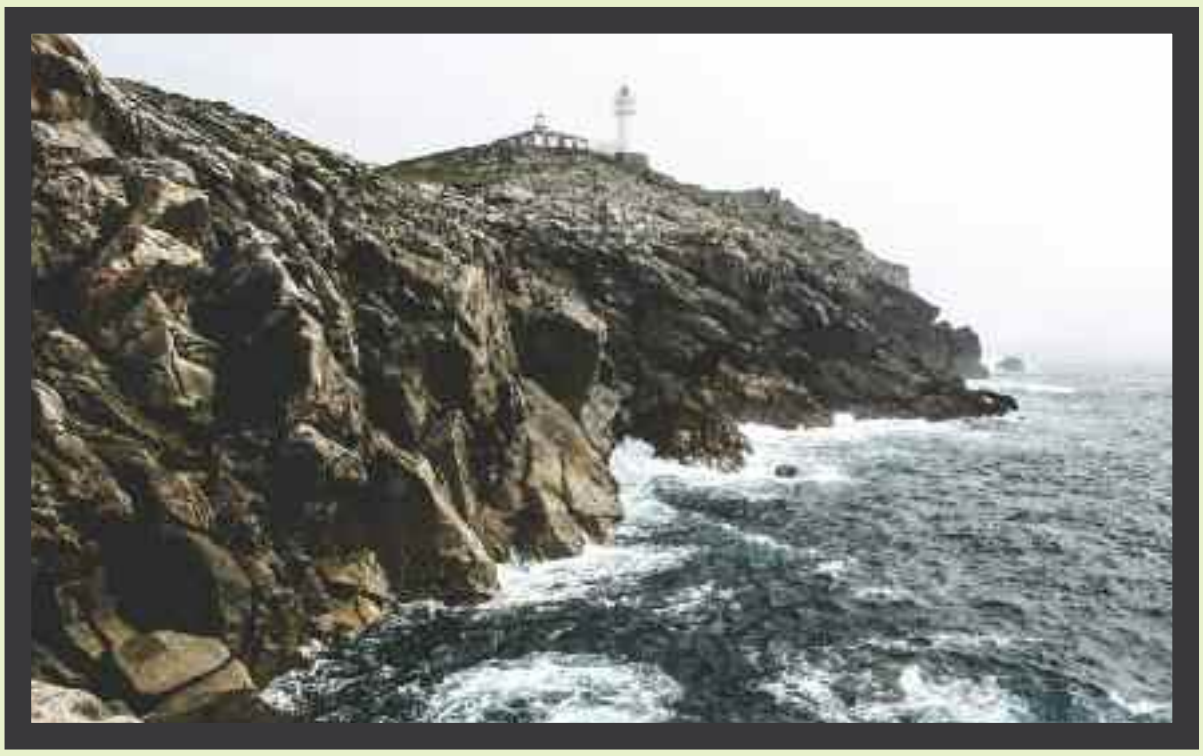
No mesmo concelho de Carnota, já ao pé Monte Pindo, a Stolt tem mais um viveiro na zona de Quilmas. Para esta instalaçom estava prevista umha ampliaçom que superariam os 300.000 m2, mas um forte movimento de oposiçom impediu que se realizasse tal projeto. Daquela época, há 10 anos, nasceu a cooperativa Rainha Lupa, que reuniu terrenos que estavam ameaçados pola ampliaçom para produzir neles alimentos ecológicos. Desde entom, já apresentárom duas denúncias à Stolt. A primeira delas polos descargas ao mar, onde descobrírom que esta instalaçom nom tinha licença de descargas, se bem Augas de Galicia lha concederia posteriormente. E a segunda por umha fuga na tubagem de evacuaçom do viveiro para ao mar que provocou descargas de águas com metais pesados, segundo indicava um relatório da Universidade da Corunha, nos terrenos limítrofes da cooperativa nos quais estava programada umha plantaçom de trigo. Recentemente, nesta mesma instalaçom de Quilmas, inserida na Rede Natura, se realizou umha nova tomada de água com tuneladoras que se adentraram até 300 metros no mar, construindo umha tomada de uns 2 metros de diámetro.

A mesma Stolt possui também instalaçons no Cabo Vilám - no concelho de Camarinhas, e na qual também grupos ambientalistas denunciaram que a instalaçom estivera a realizar descargas sem licença -, em Merexo - Concelho de Mugia -, em Ribeira e Cervo.

Experimentando com o salmom

Na ria de Muros, ao pé do Monte Louro, estám instaladas as gaiolas para a produçom experimental de salmom, numha concessom realizada pola Conselharia do Mar à North West Food SL que foi prorrogada em várias oca-

AVENTURAS INTERNACIONAIS /



xabier vieiro

O dinheiro de Pescanova

O grupo Nueva Pescanova, nascido do concurso de credores da velha Pescanova, conta através da sua filial Insuíña com dous viveiros na Galiza, um em Lago - concelho de Jove - que se encontra situada ao pé da balsa de lamas vermelhas da Alúmina Española SA, e outra em Mougás - concelho de Oia -, sendo a ampliaçom desta última produto de denúncias nos tribunais. Para a sua instalaçom em Ardia - concelho de Ogrobe - esta transnacional tem programada para este ano a inauguraçom do Pescanova Biomarine Center, um centro de investigaçom tecnológica na aquicultura.

A Nueva Pescanova é um exemplo das 'portas giratórias' no sector aquícola. Em fevereiro de 2016 conhecia-se que a ex-ministra do PSOE Elena Salgado passava a formar parte do conselho de administraçom desta empresa, que se encontra nas maos dos bancos credores da velha Pescanova. Nom é a única pessoa ligada à política que entrou na sua direçom, também Antonio Couceiro, conselheiro da Indústria na época de Fraga entre 1994 e 1999. Recentemente, este grupo empresarial conseguiu que o Tribunal Superior de Justiça da Galiza determinasse que a Junta da Galiza lhe pagasse 1,09 milhons como indemnizaçom pola proibiçom durante o governo bipartido da construçom de umha instalaçom de engorde no cabo Tourinhám (na foto). Em 2009, depois desta anulaçom, a Pescanova inaugurava um viveiro de rodavalho em Mira – distrito de Coimbra, no Portugal - de 82 hectares em que a administraçom portuguesa realizou investimentos no valor de uns 58,7 milhons de euros. Após anos em que os níveis de produtividade da empresa nom se cumprirom, o grupo Nueva Pescanova nom tem interesse em continuar com a atividade nessa instalaçom.

A Nueva Pescanova é um exemplo de 'portas giratórias': Em 2016 a ex-ministra do PSOE Elena Salgado passava a formar parte do conselho de administraçom

Outra das aventuras internacionais da Pescanova foi no Chile, onde os seus negócios fôrom adquiridos finalmente pola transnacional Marine Harvest, empresa que está a fomentar a indústria salmoneira nesse país e que está a provocar umha catástrofe ecológica e social nas costas chilenas.

PRIVATIZAÇOM DO LITORAL / INDUSTRIALIZANDO AS ÁGUAS

xabier vieiro

sions e que finaliza neste 2017, tendo que apresentar a empresa um relatório sobre a sua atividade. Esta empresa conta também com licença para a comercializaçom do salmom produzido e nos últimos meses do ano passado começou a comercializa-se o salmom cultivado nas águas da ria de Muros.

A oposiçom popular à colocaçom destas gaiolas foi forte. Num primeiro momento, a instalaçom estava programada na ria de Arouça, mas os protestos neste lugar figérom que fossem transferidas para a ria de Muros. Este mudança ocorreu numha noite do ano 2011, depois que a sua mudança de dia se visse frustrada pola mobilizaçom de embarcaçons da ria que impediam a passagem dos rebocadores. Com a instalaçom das gaiolas de salmom veu também a proibiçom de pescar na zona delimitada na concessom.

Já se comercializa salmom cultivado nas águas da ria de Muros

A instalaçom das plantas em zonas de proteçom ambiental é publicitada como umha caraterística de qualidade do produto

Águas privilegiadas

No mesmo concelho de Muros, na paróquia de Tal, instalou-se em 2011 umha exploraçom aquícola peculiar: a Galician Marine Aquaculture, que cultiva orelha de mar, ou abalone, um marisco que se vende a altos preços nos mercados asiáticos. Assim, a produçom desta indústria vai na sua maior parte para a exportaçom ou para as linhas de mercado de produtos gourmet. Esta instalaçom foi umha aposta da Junta da Galiza para promover ao sector aquícola. Assim, como fijo com muitos outros projetos piscícolas, a administraçom autonómica concede a este projeto a incidência supramunicipal e injetará nele para o seu lançamento 3,5 milhons de euros, cofinanciados polo Fundo Europeu das Pescas.

A instalaçom de plantas piscícolas em lugares protegidos do litoral nom é casual e é umha prática amparada pola Junta da Galiza, que declarou em 2010 de "interesse público de primeira ordem" a aquicultura. Assim, o facto os viveiros estarem situaoas em zonas de proteçom ambiental, desde as que extraem a água do mar, é publicitado como umha caraterística da qualidade do seu produto. Por exemplo, a Aquacria Arousa SL - em cujo acionarado está a Cupimar, empresa presidida por Abel Matutes, ex-ministro no governo de Jose Maria Aznar - conta com umha instalaçom de cultivo de rodavalho em Cambados, no complexo intermareal Úmia-Ogrobe. Na sua página web para descrever a sua localizaçom expóm que emprega "a melhor água", com "as qualidades perfeitas para a criaçom de peixes de grande qualidade".

Para o período 2014-2020, a administraçom galega gerirá uns 371 milhons de euros, correspondentes ao Fundo Europeu Marítimo e das Pescas (Femp). Umha das prioridades deste fundo europeu é o desenvolvimento de umha aquicultura sustentável, ficando entom a questão de qual será a quantidade que irá para às multinacionais da aquicultura. Sectores do ambientalismo salientam que a relaçom entre a aquicultura e sustentabilidade é impossível: para a produçom de 1 kg de peixe em cultivo - as espécies piscícolas costumam ser carnívoras- é necessário fornecer de 3 a 6 kg peixe selvagem.

PRIVATIZAÇOM DO LITORAL / DIFICULDADES PARA A FROTA ARTESANAL

O mar que bate com as regulamentaçons

xabier vieiro

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

As gentes que trabalham na pesca artesanal e de baixura sentem-se esquecidos pola administraçom. Num contexto em que o sector está a contar com cada vez menos barcos e pessoas trabalhando, as associaçons que defendem a pesca artesanal criticam o forte investimento que nos últimos anos tem efetuado a Junta da Galiza para o desmantelamento de embarcaçons, o que contribuiu para este descida no número de embarcaçons pesqueiras.

Estas associaçons mostram-se críticas com o procedimento de regularizaçom de embarcaçons e as recentes atuaçons de apreensom de barcos em Ribeira e na Corunha por contar com motores de maior potência registado. Luís Rodriguez, da Associaçom de Armadores de Artes Menores (Asoar-Armega), explica que após o processo de regularizaçom da Junta ficaram umhas 400 embarcaçons nom reguladas, e que isto afeta especialmente a frota do percebe e o do marisqueio a frote, onde a relaçom entre produtividade e maior potência do motor nom existe, pois as embarcaçons do percebe aguardam em água enquanto se recolhe o percebe e o marisqueio a frote realiza-se com o motor parado. "Se tés um motor de mais capacidade, essa alteraçom nom intervém na produtividade, mas influi de forma direta na segurança da tripulaçom, quanto maior é a potência, maior é a segurança", indica Rodríguez. "Aumentar a potência", acrescenta Rodríguez "nom significa que vá haver umha sobreexploraçom. Nom entendemos esse zelo".

Marisqueio em Noia

Pablo Silva trabalha no marisqueio em Noia. Ele é também presidente da Plademar Muros-Noia, organizaçom nascida durante a luita contra a Lei de Aquicultura da Junta e que continua com o seu trabalho em defesa da ria. "A nossa ria tem umha boa presença de moluscos filtradores, se bem que a estamos a explorar por debaixo das possibilidades que tem", indica Silva. A Plademar está a reivindicar a Denominaçom de Origem para o berberecho de Noia. "O berberecho é um 80% da produçom desta ria, e nom se está a tomar medida nengumha para a sua proteçom", salienta este marinheiro.

No seu trabalho, Silva detetou umha crescente presença da ameijoa japónica, umha espécie foránea que está a estender-se na ria. Silva indica que "se vês as estatísticas da confraria, vê-se que a ameijoa fina caiu em picado, e com a ameijoa babosa acontece uma cousa parecida". Para este noiês, haveria que experimentar novas formas de cultura que nom passem pola introduçom de espécies foráneas, mas a melhoria da produçom marisqueira passa também por umha melhor depuraçom das águas da ria. Este problema tem especial relevância em Noia, onde desemboca o Tambre e se construiu umha depuradora cuja capacidade atual é considerada insuficiente.

Descartes e quotas

Entre as novidades da Política Pesqueira Comum (PPC) para o período 2105-2020 encontra-se a obrigaçom de desembarcar em porto os descartes. O peixe que nom chega aos tamanhos legais já nom pode ser devolvido ao mar e nom poderá ser comercializado para consumo humano, o que dispara os alarmas no sector, pois isto permite que o peixe descartado seja empregado para a fabricaçom de pensos de engorde para a aquicultura industrial.

A PPC estabelece estes descartes por espécie. "Fala-se de descarte de espécies e é um insulto", expom Luís Rodríguez, de Asoar-Armega. Este marinheiro de Corcubiom acha que para reduzir os descartes "haverá que ver quais som as artes de pesca que mais descartes provocam, que é sobretodo a frota do arraste, e incidir nelas". Rodríguez relaciona o sistema de descartes com as restritivas quotas de pesca e acha que com todas estas limitaçons à pesca de espécies autóctones som beneficiadas as grandes empresas exportadoras e importadoras de peixe ou mesmo as empresas aquícolas.

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

"Tem todas as evidências dum juízo político", sustém Roi Ribeira, umha da dúzia de pessoas processadas pola ocupaçom da sala Iago em Compostela no ano 2011. Fiscalia pedia para todas até 19 meses de cárcere por usurpaçom, mas após a conformidade a pena ficou em 20 euros de multa por pessoa durante seis meses. A petiçom era maior no caso de duas pessoas às que lhe solicitavam 3 anos mais de prisom por um delito de tença de explosivos que, com a conformidade, ficou em ano e meio. Apenas três pessoas rejeitárom o pacto com o fiscal.

"Cumpre nom aguardar as instituiçons e tomar a cultura pola mao"

Roi Ribeira, julgado pola ocupaçom da Sala Iago

borxa toxa

Estades processadas todas as pessoas que vos topávades na sala Iago no momento do desalojo?
Há umha pessoa que nom. Se bem que a polícia imputa duas pessoas por ter um suposto coquetel incendiário, umha delas nom se topava no desalojo. Os agentes asseguram que topárom lixívia, aguarrás, papel-alumínio... e eles mesmos interpretam que isso era para fazer um coquetel McGiver. Num dos objetos dim que havia umha impressom digital dumha pessoa que nom se topava na sala Iago e que também vai ser imputada.

Essa pessoa só é imputada pola posse de explosivos ou também pola okupaçom embora nom estar na sala Iago no desalojo?
Também pola okupaçom. Imputam-lhe os delitos de posse e usurpaçom junto com falta de danos.

Está a aumentar o uso dos processos judiciais contra as ativistas como método repressivo?
Com certeza, vamos ter o juízo cinco anos depois dos feitos com tudo o que isso supom. Ademais, nesse momento, no 2011 e 2012, intensificou-se a estratégia de repressom. Nas ruas estava o chamado 15m e sucediam-se as identificaçons em massa com o objetivo de amedrontar as pessoas. A repressom nom se dirigia só cara a um coletivo concreto senom cara a todo o que se criava nesse momento, o que tratava de assentar. Ao mesmo tempo, continuava a inibiçom de coletivos concretos como o independentista ou anarquista. Toda esta estratégia repressiva dificulta também a articulaçom da solidariedade.

Com estas complicaçons como pano de fundo, como tratastes de tecer essa solidariedade?
Estabelecemos a luita através de diversos centros sociais existentes e, em Compostela em concreto, achamos a reokupaçom da sala Iago e o C.S.A. Eskárnio e Maldizer. Tivemos umha boa recepçom e solidariedade. Ainda que, de novo, notavam-se os longos prazos judiciais. É difícil organizar umha estrutura permanente.

Baseades a vossa resistência a partir dos centros sociais, que supujo a okupaçom da Iago para que cause isto?
O abandono da sala Iago, um símbolo cultural para muitas de nós, foi a con-

"A repressom nom se dirigia só cara a um coletivo concreto, senom cara a todo o que se criava nesse momento"

"Como as instituiçons nom fôrom facilitadoras, muitas fomos refugiando-nos em espaços próprios como os centros sociais"

Fachada da Sala Iago em 2011 durante a ocupaçom.
borxa toxa

sequência de determinadas políticas que se tomárom por parte das instituiçons da cidade. O Concelho começou a elaborar políticas culturais favorecendo as iniciativas privadas relacionadas com diversas entidades bancárias. A isto, também há que somar-lhe a turistificaçom que vive a zona velha e a expulsom de residentes.

A sala Iago foi umha vítima deste período e os seus proprietários vírom pronto as possibilidades de especulaçom com o edifício. Mas a Iago tem um significado, umha parte sentimental, um emblema que reflete o espaço cultural que marcou a nossa geraçom, e é penoso que esteja fechado. Com todo o que ocorreu no 2011, com o 15m, a sua okupaçom ainda foi mais simbólica.

De aí a importância da okupaçom da Iago nesse momento. Hoje em dia teria cabida?

Os processos de destruiçom cultural som mui rápidos mas as recuperaçons lentas. Como as instituiçons nom fôrom facilitadoras, muitas fomos refugiando-nos nos espaços próprios como os centros sociais. De aí procuramos sacar adiante iniciativas e modelos culturais auto-geridos. Antes, a cultura desenvolvia-se desde arriba e agora trata-se de construir desde baixo. Se calhar, resta-nos por conseguir a abertura do espaço, que deixe de ser minoritário. Mas claro, os processos som lentos e, neste caso, estám mui relacionados com o modelo de cidade.

Como é isso?

Na época das vacas gordas todo o comeu a iniciativa privada, sobretodo a banca, e logo foi a pior. Como as instituiçons nom pensárom em alternativa nenhumha, tomamos a cultura pola mao. Devemos ser conscientes de que a vida da cidade depende de nós. Nom podemos relaxar-nos. Nom podemos aguardar que as instituiçons fagam cultura, devemos fazê-la nós

> "Na época das vacas gordas todo o comeu a iniciativa privada, sobretudo a banca, e logo foi a pior"

> "Devemos ser conscientes de que a vida da cidade depende de nós. Nom podemos relaxar-nos"

Precisamente para enchê-lo desse conteúdo cultural e tecer solidariedade, estades a realizar umha campanha nas redes baseando-vos em figuras do cinema. Como está a funcionar?

Ainda que na última época foi sobretodo teatro, muito antes a sala Iago era um cinema. Por isso está a funcionar mui bem nas redes sociais umha campanha que, através de figuras da sétima arte, informa de que implica este juízo. Sobretodo, vemos importante socializar as penas de prisom que nos pedem por recuperar um espaço cultural. Para a nossa surpresa, havia quem pensava que já se solucionara todo ou que as condenas nom eram tam elevadas.

Como está a influir o discurso do poder que circula nos meios de comunicaçom hegemónicos?

Quando fora do desalojo, *El Correo Gallego*, arremetera contra nós duramente. Em dezembro do ano passado, voltárom à carga. Pugérom outra vez a foto dos utensílios que supostamente conformam o explosivo e vinculárom-nos cousas que nada tenhem que ver com o que realizávamos, que era recuperar um espaço do que criar cultura. Procuram criminalizar-nos e separar-nos da populaçom porque a okupaçom da Iago segue a ser algo positivo para muitas pessoas. Responder a isso nom é doado.

É este um juízo político?

Sem dúvida. Todo o que falamos demonstra que é um juízo claramente político e que a justiça está claramente politizada.

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

Com treze anos, Noemí Lima achou umha fatura agochada entre duas fotografias dum álbum. Com a discriminaçom dos quartos para a pediatra, a parteira, medicamentos, táxi, roupa... a conta final era de 104 mil pesetas. Percebeu que esse era o preço que pagaram por ela. Com dezoito anos, raiva e vontade de saber mais, começou a procura dos seus papeis de nascimento mas só encontrou múltiplas irregularidades. Na sua cabeça instalou-se umha pergunta, a de se seria umha criança roubada. Hoje em dia, com 29 anos, e após encontrar a sua família biológica, tem a certeza de que com efeito o é. "Mas o tribunal decidiu absolver aquelas que me roubárom", sentencia.

Noemí Lima, afetada pola venda irregular de crianças.

zélia garcia

"As monjas do hospício de Teis vendêrom-me por 104 mil pesetas"

A Noemí Lima vendêrom-na em 1987 por 104.000 pesetas aos seus pais adotivos. Umha das faturas da sua venda, de caráter público, leva o carimbo do Hospital Municipal de Vigo. A folha carimbada tem os dados do pessoal médico que atendeu a sua mãe biológica, entre todas as intervençons somam 57.288 pesetas. Na outra folha, inclui-se o "restabelecimento da moça", "roupas e viagens", "táxis" e "telefone", polo qual cobram 47.000 pesetas. Todo junto soma 104.228 pesetas, valor que na época atual equivaleria, aproximadamente, a uns 3.000 euros.

A venda da Noemí está assinada por Pilar Hoyos, monja que continua a prestar serviços no orfanato de Teis, dirigido pola congregaçom "Siervas de la Pasión". Perante as faturas e os papeis da adoçom, cheios de contradiçons, Noemí Lima recorreu a Pilar Hoyos para lhe perguntar pola sua família biológica. Nunca quixo responder.

Colhidas as provas, Noemí denuncia detençom ilegal, alteraçom do estado civil, adoçom ilegal e falsidade em documento público ou oficial. O Juízo de Instruçom número 7 de Vigo confirma em 2014 a imputaçom de Pilar Hoyos polas irregularidades na sua adoçom.

> "A minha família biológica viveu sempre perto de mim, aqui em Vigo"

É entom quando a monja dá o nome da tua mãe biológica, Noemí?

Pilar Hoyos descarregou responsabilidades num advogado que, curiosamente, está morto. Reconheceu que houvo troca de quartos, mas dixo que ela nom beneficiou disso. Já, por isso estám tam infladas as faturas e nom guardam

"O tribunal nega o delito de detençom ilegal porque a minha mãe nom denunciou o roubo no momento"

nenhum papel! O nome da minha mãe acabou por fornecê-lo mais tarde e entregou-o escrito num papel de caderno juntamente com o nome da minha família adotiva, o endereço do domicílio e, na parte superior, um número: 106. Tenho que interpretar que som a bebé número 106 que vendem?

Como che afetou encontrar a tua mãe biológica?
Perturba porque tenho amizades em comum com a minha família biológica. Vivírom sempre perto de mim, aqui em Vigo. Isso faz com que penses todas as vezes que pudeste cruzar-te com eles e doe.

A tua mãe biológica declarou perante os tribunais de Vigo que ela nom quixo dar-che em adoçom mas arquivam a causa. Por que nom chegou ao julgamento?
Nom existe nenhum papel que ela assinasse e que prove o consentimento da adoçom, mas o trinunal decidiu fazer finca-pé em que a minha mãe (biológica) nom denunciou nos dias posteriores a que me levassem. Alegam que esse feito implica um consentimento fáctico por parte dela e que lhe quita a tipificaçom penal ao crime. Nom o entendo, parece-me um desatino.

Ainda que a deixem impune, reconhecem a ilegalidade dos feitos?
Sim. Ainda que negam a detençom ilegal, por esse consentimento fáctico da minha mãe, admitem a existência dumha adoçom ilegal. Isto também cai na impunidade já que, em 1987, quando sucedeu todo, nom existia este delito.

Perguntamos Noemi Lima como representaria o que sentem as crianças roubadas. Ela deita-se no chao e explica que esta imagem a entenderám outras como ela.
zélia garcia

"Quem ia crer a minha mãe, menor e dumha família desestruturada?"

Que sentes quando vês que a tua denúncia nem tam sequer deriva num julgamento?
Sinto que a Igreja continua a mandando o seu e que ao Estado nom lhe importa nada todo o que fixo connosco.

E a tua mãe?
Ela cumpria-as todas. Tinha dezassete anos quando me pariu, era solteira, pobre e dumha família desestruturada. Como ia denunciar ela que lhe roubaram a sua bebé? Quem a ia crer? Se ainda a dia de hoje dim que as do roubo de bebés estamos todas tolas, mães e filhas!

A tua mãe e pai adotivos que pensam agora de todo isto?
Pensavam que era umha adoçom regular. A minha mãe e pai adotivos tinham umha filha que morreu num acidente de automóvel. Pouco depois, umha amiga leva-os ao hospício para adotarem ali um bebé. Assim, sem mais, como se fossem comprar umhas botas. A responsabilidade disto é de quem lhes dá umha criança nessas condiçons.

E que pensas fazer agora, Noemí?
Exigir que me devolvam a minha identidade. Os meus apelidos. Nom cheguei ao julgamento, nom tenho sentença mas sim se reconheceu a ilegalidade da minha adoçom. Quero que as minhas filhas e o meu filho vejam reconhecida a sua identidade também. Essa é a minha seguinte luita.

“Mostrárom-me um bebê de 6 quilos”

María Jesús Loureda e Paco Bernedo pagárom mais de mil euros mas a dia de hoje continuam sem saber se a sua filha é viva ou morta

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

À primeira hora da manhã do dia 12 de abril do 2013 realizou-se no cemitério de Santo Amaro a primeira exumaçom na Galiza vinculada ao roubo de bebés. Tratava-se do nicho em que, supostamente, descansa a filha de María Jesús Loureda. A família suspeita que lhe roubárom a sua bebé em 1977 após nascer na maternidade privada da cidade da Corunha. Para exumar o nicho, tivêrom que pagar mais de mil euros do seu próprio peto mas o resultado foi o nada. “Como Presidenta, enfastia-me que um laboratório encha o peto e os afetados fiquem com as mãos valeiras e ainda mais intranquilos”, explica Estrella Vázquez, Presidente da SOS Bebés Roubados Galiza.

Em começos de 2015, após o despacho do Juízo N.º 5 de Instruçom da Corunha, umha comissom judicial acompanhada da Polícia Científica procedeu a umha segunda exumaçom com o objetivo de obter datos concludentes do ADN. As provas foram realizadas pelo Instituto Nacional de Toxicologia de Madrid. “Tu imagina o que tenhem que passar estas famílias investindo os quartos que nom tenhem e com a constante pergunta na cabeça de se no nicho está a sua filha ou nom. Sabes o que lhe digêrom quando em 1977 saiam da maternidade, quando fôrom pagar os gastos médicos? 'Nada levas, nada pagas'”, diz indignada a Presidenta da associaçom.

> “Nom me cobrárom nada polo parto, mas um homem que nom conhecia assinou a fatura”

"Era um bebê frío e arroxeado"

“E que o que me figêrom nom tem nome”, sustém María Jesús Loureda com a voz entrecortada. “Arquivárom-me o caso chamando-me de tola! Tenho umha raiva enorme dentro de mim por todo o que levam feito!”.

María Jesús Loureda explica como na segunda exumaçom a Polícia Científica lhe explica que detetárom dous alelos de ADN que nom se correspondem nem com ela nem com o seu marido, o que indicaria que o bebé do nicho nom era seu. “Mas nom me confirmam nada por escrito, os documentos só assinalam que nom é concludente”. A primeira exumaçom, acrescenta, “realizámo-la com um laboratório privado, pagamos mais de mil euros e ficamos pior de como estávamos”.

Durante a investigaçom, os agentes encontrárom umha fatura do parto de María Jesús. “Mas a mim nom me cobraram nada! Perguntárom-me se eu conhecia a pessoa que assinava a fatura, um tal R., e eu nom, nada, nom conhecia”. Depois de tempo de pesquisas, Loureda soustém que o R. assinante nom era outra pessoa senom o anestesista que a atendeu no sanatório Modelo.

O seu marido, Paco Bernedo, também está cento por cento seguro de que lhe roubárom a bebé. “Ou as bebés, porque o médico dixo que ouvia dous coraçons. Eram gémeas e dixo, que negócio!”. Paco explica como naquele dia de 1977 lhe comunicárom a morte da filha e fôrom mostrar-lhe o corpo. “Mas esse era um bebé duns 6 quilos que estava frio e arroxeado! A mim é o que mais me pesa na cabeça!”, exclama. “E María Jesús nom tinha nenhum rasgado... É impossível. A ela provocárom-lhe o parto quando estava de 8 meses!”.

Tanto a Paco Bernedo como a María Jesús Louredo lhes custa encontrar oco para a esperança. “Nom vou ver nunca essas duas filhas minhas... Nom as vou ver. Eu só queria dizer-lhes que, além dos seus pais adotados, nos tinha a nós, que soubessem que nom as vendemos, que nom as deixámos, que as queríamos e que as buscámos”, sustém Paco Bernedo, que reconhece que “só ao pensar que nom as vou ver jamais se me encolhe o coraçom”.

María Jesús Louredo denuncia que, após a exumaçom, a Polícia Científica incinerou os restos sem o seu consentimento. “Fiquei sem restos com que continuar a pelejar”. Como se fosse umha pequena raiola, Louredo pede que se conte a sua história. “Quiçá alguém a ouça, alguém que nascesse nesse ano, nesse dia, no maternal Modelo da Corunha”.

carla trindade

A Junta subvenciona monjas implicadas na venda de bebês

A Diretora do Orfanato de Teis, em Vigo, é a única monja com vida vinculada com o roubo de crianças do pós-franquismo. Denunciada por Noemí Lima por detençom ilegal, adoçom irregular e falsidade de documentos, Pilar Hoyos foi imputada pola juíza do Tribunal de Instruçom número 7 de Vigo e absolvida meses depois ao nom conseguir ser provada a falta de consentimento da mãe biológica da vítima. Nos autos reconhece-se a irregularidade da adoçom apesar de a juíza decidir nom condenar o crime por nom existir quando ocorrêrom os feitos.

Ademais de reconhecer-se essa irregularidade, refere-se que nessa época, em 1987, as adoçons eram realizadas através das instituçons públicas já que elas nom dispunham dessa autoridade legal.

Apesar de ter vendido crianças à margem do Governo, a Junta decidiu outorgar subsídios a esta congregaçom na Galiza. A Conselharia da Política Social concedeu-lhe no de 2016 41.040 euros pola casa de acolhida que a congregaçom mantém em Teis, enquanto, no mesmo ano, a Secretaria-geral da Igualdade destinou 33.746 euros para subsidiar o seu programa de atendimento psicossocial a mulheres gestantes ou com crianças menores de dous anos. Em total, a Junta depositou 74.786 euros nos petos das monjas vinculadas a umha rede de adoçons ilegais.

Se nom fosse pouco, a congregaçom a que pertence Pilar Hoyos, as "Siervas de la Pasión", foi denunciada por roubo de crianças no hospício que mantenhem em Valência. Como vem ocorrendo em todos os casos, o tribunal evitou que o caso chegasse a audiência e arquivou a denúncia em finais de 2015.

O Governo galego subvenciona com 70 mil euros vários programas que a congregaçom tem no bairro de Teis com mulheres gestantes

Um crime contra as mulheres

ANA VIQUEIRA

O chamado 'gene vermelho' e a autonomia das mulheres obcecava o psiquiatra franquista Juan Antonio Vallejo Nájera. A sua convicçom consistia em que as defensoras da igualdade tinham umha patologia mental que as levava a defender esse ideal e, o que era pior, transmitiam-lho às suas crianças. Um hereditário 'gene vermelho' que poderia aplacar-se com a separaçom entre os que já nom tenhem cura e os que ainda estam por formar-se. Desenvolveu assim o teorema fascista que colocou o foco nas mulheres de esquerdas e serviu como justificaçom para o roubo de crianças durante e após a ditadura franquista.

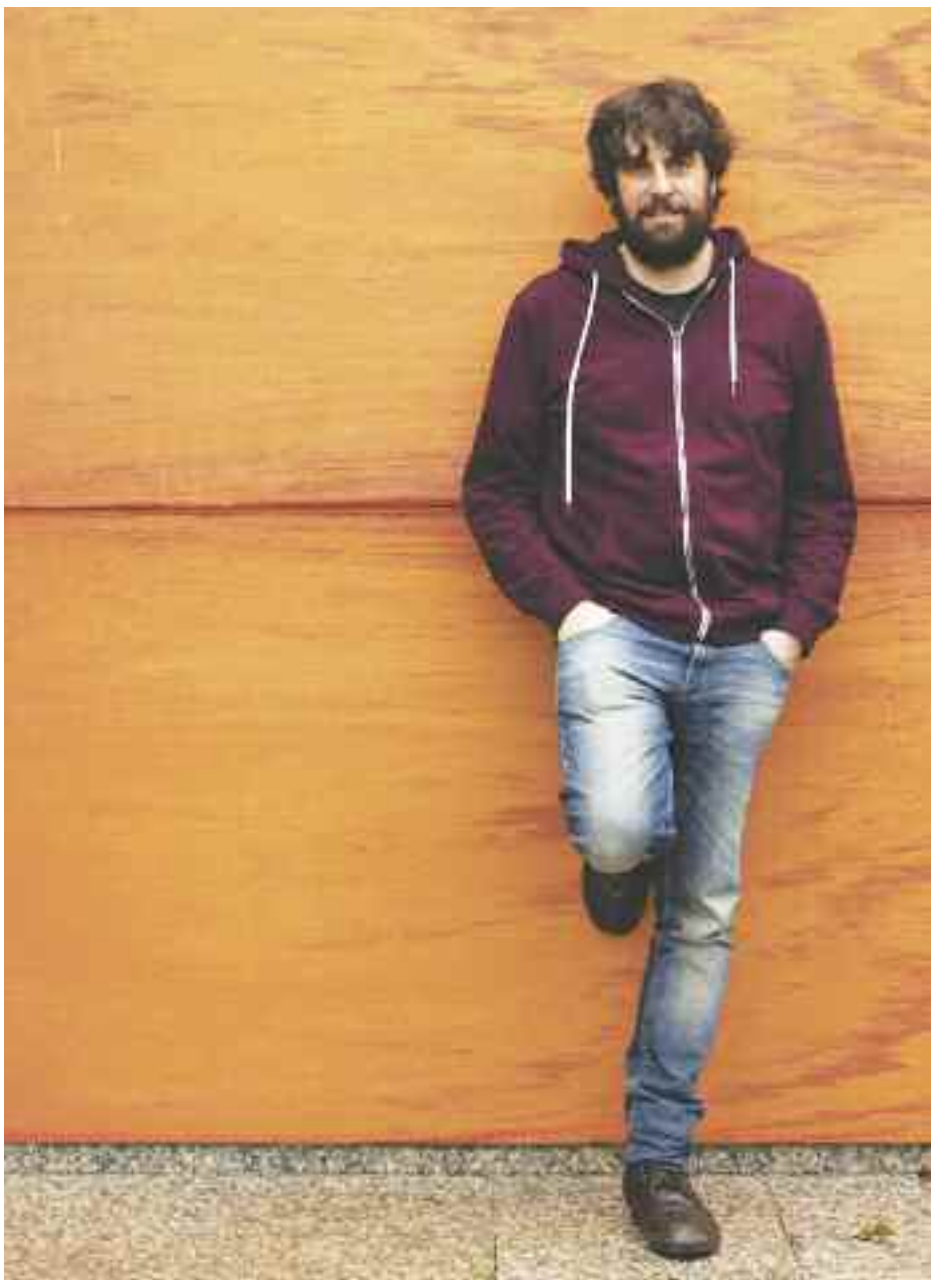
O roubo de crianças começou com fortes motivaçons políticas sob a ordem e o olhar da Igreja, que abandona os rosários para dominar as instituiçons, e os fuzis sobre os quais descansava a ditadura. As republicanas grávidas com pena de morte eram fuziladas mal davam à luz e as suas filhas entregues a outras famílias. "Levárom-no para batizar e nom o voltei ver", "enviárom-no ao Auxílio Social porque estava 'sovietizado'". Diferentes nomes, em diversas circunstâncias e noutras décadas mas um único sistema, um idêntico crime e os mesmos carrascos.

Com a misoginia como base do sistema, em breve percebêrom o lucro que acarretava o roubo de bebés. A Igreja começou a tirar lucros pedindo altas somas de dinheiro quando realizava adoçons. Quando umha família rica pedia umha bebé, umha mulher pobre paria umha criança morta.

raul rios
raulrios@novas.gal

Unificar as duas tradiçons gráficas existentes no reintegracionismo, como via para facilitar a aterragem de novas pessoas no galego-português. Esta era umha das principais propostas do programa com o que a candidatura encabeçada por Eduardo S. Maragoto ganhou as eleiçons ao Conselho da Associaçom Galega da Língua (AGAL) em Outubro de 2015. Apesar de obter umha imensa maioria de votos favoráveis, poucos meses depois começou a andar a Associaçom de Estudos Galegos, umha nova entidade que tem entre os seus objetivos normativizar o galego seguindo a tradiçom da até agora conhecida como normal AGAL. Pola sua parte, em Dezembro a AGAL aprovou em assembleia o texto que dá corpo à confluência normativa, levando como título provisório 'Ortografia Galega Moderna'.

"A Junta nom fijo praticamente nada para aplicar a lei Paz-Andrade"



piloto pirx

As estatísticas mostram que o galego nom deixa de perder falantes, sobretudo entre a populaçom mais nova. Pode-se mudar esta tendência?

Deveriam aplicar-se políticas para corrigir esta situaçom. Mas nom é umha situaçom de que nom estivéramos à espera, era fácil de prever. É umha situaçom que afeta qualquer língua do mundo que nom possua um Estado...

Mas no País Basco e na Catalunha sim aumenta o número de falantes entre as crianças.

Mesmo em casos em que existem políticas mais decididas a favor da normalizaçom isto nom significa que os índices de uso da língua aumentem em toda a sociedade. Nom digo que a situaçom no País Basco e na Catalunha nom melhorara. Nessas sociedades as pessoas estám mais capacitadas para falar em basco ou catalám do que antes. Mas nom temos a certeza de que isso repercutira em que o uso social dessas línguas for em aumento. Tenho as minhas dúvidas.

Na Galiza o âmbito do ensino é a nossa tarefa pendente. Nom estamos em disposiçom de corrigir as percentagens de uso do galego nos próximos anos porque nom figemos boas políticas.

Que erros tivérom os movimentos sociais nos últimos anos?

Acho que é criticável que a normalizaçom linguística se politizasse em excesso. Nas primeiras décadas a partir da Transiçom, a normalizaçom linguística vinculou-se demasiado a determinados projetos políticos e nom se pujo o acento de forma suficiente em que o galego era parte do nosso património coletivo e em que na sua normalizaçom deviam participar todos os setores da sociedade...

Mas de quem é esse erro, dos partidos que figérom sua essa demanda ou dos que a deixárom de lado? Ou talvez há um pouco das duas cousas...

Há um pouco de todo. As pessoas preocupadas pola normalizaçom linguística figerom-na depender muito da cor do partido que estivesse a governar em cada momento, ou de projetos emancipatórios futuros. Havia quem pensava: "O galego nom se pode normalizar até a Galiza nom contar com outras instituiçons ou outras forças políticas a gerirem o governo", e penso que é um erro. Deve-se tentar atingir consensos que atinjam todos os partidos políticos e todos os setores da sociedade. Nom tem que haver umha única razom para estar vinculados à língua: pode ser senti-la como língua nacional, podem ser razons utilitárias, de carácter económico... Temos que integrá-las todas.

Voltando à pergunta, acho que outro erro foi nom termos em conta outras experiências de línguas em processo de normalizaçom, como as que havia no próprio Estado, nomeadamente no âmbito do ensino. Nom pensamos bem que aconteceria se chegar um momento em que o castelhano for a única língua ambiental da maior parte dos centros educativos, como está a acontecer.

Que diagnose fás do reintegracionismo na atualidade?

É um movimento em expansom, que ganhou muito em compreensom so-

cial. Passou de ter umha proposta completamente afastada das aspiraçons que tinha a maior parte do movimento normalizador e do conjunto da sociedade galega a, numha década, ter umha postura bastante compreendida. Nom apenas pola própria evoluçom do reintegracionismo, senom porque se derom elementos externos que facilitarom essa evoluçom. Por exemplo, a comunicaçom da sociedade galega com o resto do mundo evoluiu mais rápido do que se pensava com as telecomunicaçons. E o galego na sociedade fragilizou-se também mais rápido do que se pensava.
Todo isto nom quer dizer que deixara de ser um movimento mui modesto. E vai continuar a sê-lo porque é um movimento cultural, nom fai propostas gerais para a sociedade...

Mas pode ser mais hegemónico e ampliar a sua influência. Neste sentido, em 2014 é aprovada no Parlamento a conhecida como Lei Valentín Paz-Andrade, que entre outras questons procura oferecer aulas de português no ensino. Que frutos está a dar na prática?
Esta lei é mui aproveitável, nom apenas por ter muitas possibilidades de aplicaçom prática, senom também polo facto de ser aprovada por unanimidade. O reintegracionismo vai fazer muitos esforços para que seja aproveitável e para manter a unanimidade; preferimos que avance mais lenta, mas sem afastar-se dessa unanimidade.
Em relaçom à aplicaçom, no ensino passamos de ter entre 700 e 800 alunos de português antes da aprovaçom da lei a mais de 1.700 na atualidade. Só pola existência da lei, nom porque as administraçons figeram políticas para aplicala. A Junta nom fijo praticamente nada. Todo o que se avançou no ensino dependeu da iniciativa individual de pessoas nos centros educativos ou de organismos alheios às administraçons. Mas esse abrigo que deu a lei animou a muita gente a avançar. Porém, agora mesmo na Galiza só há presença do português em 10 por cento dos centros de ensino, enquanto na Estremadura a presença é em 80 por cento dos centros.

a. p.

“O debate da forma definitiva do galego **pode ser adiado**”

Em que consiste a confluência normativa?
Para as pessoas entenderem... No reintegracionismo havia duas tradiçons gráficas convivendo, umha mais próxima às outras formas de galego-português no mundo e outra mais próxima das falas populares. O que se chamava português padrom e norma AGAL. As diferenças entre estas propostas fôrom-se reduzindo até ficar em dous ou três traços morfológicos, como a escolha entre a terminaçom –om e –ão ou a conjugaçom de verbos irregulares. Pensamos que se podiam incluir estas diferenças numha única normativa, de maneira a facilitar a compreensom das nossas propostas polo conjunto da sociedade, de maneira a integrar diferentes ritmos de aproximaçom ao reintegracionismo. Umha proposta completamente diferente do português padrom dificultava que as pessoas que aprendiam o português nas escolas de idiomas ou noutros países lusófonos foram inseridas no reintegracionismo, tinham que reaprender umha norma ortográfica.

É entom umha proposta dirigida antes bem cara as pessoas que ainda nom estám no reintegracionismo mais do que para as que já eram reintegraciosnista? Nom muda a forma de escrever de ninguém...
Claro. As pessoas que utilizaram o –om vam poder seguir usando-o, esses traços estám recolhidos. É umha norma mais dirigida a facilitar o contato do reintegracionismo com o conjunto da sociedade que ao interno do movimento, onde as pessoas já partem dumha tradiçom de uso dumhas formas ou outras.

Umha opiniom que saiu no debate prévio, colocada polas pessoas que depois formariam a AEG, era que essa estratégia buscava mais bem trazer o português para Galiza, nom potenciar o galego no seu próprio modelo. Que se trata de substituir as formas galegas por outras portuguesas ou estrangeiras que nom resultam familiares na Galiza...
Umha cousa é o que se aspira a fazer e outra o que se pode fazer. Nom fai sentido que no ponto em que estamos, sem força social nem institucional para aplicar umha determinada normativa na administraçom ou no ensino, prescrevamos umha norma ortográfica muito definida. Nom podes levá-la praticamente a nengum lado. Achamos que o debate sobre a forma definitiva que deve ter o galego pode ser adiado, e que o lógico neste momento é descrever os usos que fam os diferentes reintegracionistas do galego. Integrar as duas tendências numha única norma em que as pessoas podam fazer escolhas.

ÂNGELO MERAYO, PROFESSOR NO CONSELHO PORTUGUÊS PARA OS REFUGIADOS /

"No último ano falou-se muito da Síria, mas **refugiadas** tem havido sempre"

"Nos países do chamado 'primeiro mundo' vemos África como uma única realidade onde só acontecem desastres"

maria álvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

Contrariamente ao que muitas pessoas possam pensar, o problema dos refugiados não é novo. A maioria das pessoas refugiadas em Portugal, mas também no Estado espanhol, provêm do continente africano. O Conselho Português para os Refugiados é a principal organização em Portugal responsável pela assistência para as pessoas requerentes de asilo que chegam a Lisboa. A aprendizagem da língua portuguesa é fundamental no processo de inclusão mas não só: a aprendizagem da língua torna-se quase uma terapia. Ângelo Merayo, professor de português no CPR descobre-nos uma realidade muito mais ampla através do olhar de alguém que, com o seu trabalho, põe nome a milhares de pessoas que se veem obrigadas a fugir.

Para começar, e para nos situarmos, queria que fizesses uma radiografia da situação das pessoas refugiadas em Portugal.

Da situação das pessoas refugiadas tem-se falado muito no último ano, por causa da guerra na Síria e a crise humanitária que está a afetar milhões de pessoas, mas pessoas refugiadas tem havido sempre. Gostaria de clarificar: um refugiado é a pessoa que tem o estatuto de refugiado, mas muitas pessoas não o têm e são requerentes de asilo, é dizer, estão à espera de receber uma resposta ao pedido de proteção internacional

Em Portugal há muitos requerentes do continente africano, eu acho que isto se deve, em parte, à estreita relação histórica que existe com África. Em Portugal há requerentes do Mali, da Guiné, da Serra Leoa, da Gâmbia, etc. A questão dos refugiados não é nova.

Então, qual é a nacionalidade que mais requer asilo em Portugal na atualidade?

Em 2015 chegaram muitas pessoas da Ucrânia que fugiam da guerra e vieram a Portugal porque já existiam laços. Existe uma importante comunidade imigrante ucraniana que chegou a partir de 1990. Quando já existe uma comunidade do teu país, família, amigos, o acolhimento é mais fácil.

No ano passado também chegaram muitos paquistaneses, no entanto, a chegada desde países de África, como o Mali, a Guiné-Conacri ou o Congo, é constante.

Fala-se muito dos refugiados

procedentes da Síria e não tanto dos refugiados da Serra Leoa, por exemplo. Por quê?
A meu ver, na Europa existe uma normalização do continente africano como palco de miséria, fome e guerra. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi, que recomendo ler, tem um *TED talk* que fala dos perigos de "uma história única". Nos países do chamado 'primeiro mundo' vemos a África como uma única realidade onde só acontecem desastres. Acho que esta normalização provoca uma enorme falta de sensibilidade em relação aos africanos. Por exemplo: a imagem de Aylan, a criança curda morta no Mediterrâneo, deu a volta ao mundo. Há dois meses, produziu-se a mesma imagem nas costas espanholas, mas o protagonista era um menino negro, africano. Passou totalmente despercebido.

Por quê achas acontece isto?
O racismo é, a meu ver, uma das causas, os sírios são vistos como semelhantes aos olhos do "europeu comum". No entanto, eu gostaria de partilhar esta reflexão: quantos africanos morreram no Mediterrâneo nos últimos 20 anos? A situação de crise humanitária no Médio Oriente é terrível, mas quantos conflitos esquecidos existem em África? Agora o foco dos média está na Síria e neste sentido preocupa-se que a sensibilização da população dependa da origem ou da cor da pele. Para quem trabalhamos com estas pessoas, todas são iguais e todas merecem proteção.

Falemos agora da repressão para travar o fluxo de refugiados. Qual o papel que jogam aqui países como a Turquia ou Marrocos?
Jogam um papel muito importante, mais do que possamos pensar, são os encarregados de fazer o trabalho sujo à Europa. A União Europeia negoceia quotas de refugiados com os estados membros mas ao mesmo tempo assina com a Turquia um acordo que viola direitos humanos e leis internacionais para reter as pessoas fora das suas fronteiras.

Que diferenças, em termos gerais, existem na política aplicada por Espanha e por Portugal a requerentes de asilo?
Bem, no último ano Portugal foi um dos países mais comprometidos com a recolocação e dos que assumiu as quotas mais altas, tendo em conta a população. Nós ficamos neste cantinho da Europa, não recebemos tantas pessoas como a Alemanha, também não estamos tão próximos das áreas de conflito como a Grécia.
Penso que em Portugal existe uma maior sensibilidade por parte das instituições. Devemos lembrar que o atual secretário das Nações Unidas é português e o Presidente da República visitou recentemente o centro de acolhimento para refugiados.
Uma questão diferente é que Portugal não executa deportações, como Espanha. As pessoas que têm uma resposta negativa, quando todos os recursos esgotam, recebem uma notificação de abandono voluntário do território.

"As aulas são quase um espaço terapêutico"

Quais são as características comuns que têm os teus alunos?
É impossível traçar um perfil. Eu costumo dizer que se neste momento caísse uma bomba onde nós moramos e todos os sobreviventes tivessem que fugir, haveria pessoas de diversas procedências sociais, pessoas com cursos universitários e pessoas sem habilitações básicas, pessoas com família, sozinhas, de diferentes idades, etc. Isso é um refugiado, e é por isso que o processo de inclusão é diferente para cada pessoa.

Muitas pessoas sofrem situações de *stress* pós-traumático, depressões, etc., por causa das situações vividas, isto é mais um desafio para as nossas aulas. A questão administrativa também condiciona muito, a resposta que obtenham ao pedido de asilo, se esta é positiva ou negativa. Acho que devemos perguntar-nos como iríamos reagir nós numa situação semelhante. Por muito diferentes que possamos parecer, as pessoas somos muito semelhantes. A palavra-chave é "empatia", pensar que podias ser tu.

Centramo-nos no teu trabalho. Era a primeira vez que trabalhavas dando aulas a refugiados, é muito diferente?
Eu sou professor de português, antes tinha dado aulas de português e espanhol na Galiza e aqui em Portugal, em centros de línguas e empresas. O trabalho que estou a fazer agora é, genuinamente, ensinar uma língua estrangeira.

Nas minhas aulas há pessoas que chegam sem saber uma só palavra de português e pessoas com habilitações muito diversas: de pessoas que nunca puderam frequentar a escola a médicos, professores, jornalistas ou responsáveis políticos. Tudo isto na mesma turma.

Como é que são estas aulas?
São umas horas de partilha de experiências, não são um espaço triste. Nas

a terra treme

aulas conseguimos abstrair-nos dos problemas, é um espaço quase terapêutico e isto para nós é fundamental. E não ensinamos só a língua, também a cultura, oferecemos instrumentos para a inclusão.

Os programas de formação têm uma componente sociocultural. Organizamos passeios em Lisboa e Portugal, visitamos museus, descobrimos a localização dos serviços, onde está o hospital ou a segurança social, por exemplo. Em definitiva, a língua é a ferramenta básica para construírem uma vida em Portugal.

O dia do passeio é sempre muito alegre. Alguns alunos falam destes passeios como o dia mais feliz desde a chegada a Portugal, um dia em que "não pensaram", nem na fugida, nem nas pessoas que deixaram atrás. Nestas atividades começam a estreitar relações, até esse momento muitos nem sabem o nome dos colegas e chamam-se pelo nome do país: "Mali!", "Congo!".

Trabalhar com pessoas refugiadas tem que comportar uma carga emocional muito forte. Como consegues trabalhar com esta carga?

Na verdade não tenho tempo para assimilar tudo, é tudo tão rápido... Só consigo reparar quando tomo alguma distância. Há histórias duríssimas, menores de idade que chegam sozinhos, etc.

Há um ano uma jornalista fez uma reportagem para a rádio sobre o trabalho que desenvolvemos na casa de acolhimento para crianças refugiadas. A minha colega professora recomendou-me ouvi-la, quando estivesse sozinho e tranquilo em casa. Pela primeira vez em sete meses, chorei e chorei como uma criança. Consegui ver com distância e pensei, como é possível que no meu dia a dia possa conviver com estas realidades?

Contudo, este trabalho tem recompensas enormes. Um pequeno exemplo, um dia numa aula estava a explicar como funciona o verbo gostar e pedi para construírem frases com ele. Começou um aluno: "Eu gosto das aulas de português", e outro: "eu gosto do professor de português" e começaram todos a bater palmas. No meu último aniversário trouxeram-me um bolo, chocolates, rebuçados. Encontrar, por acaso, algum ex-aluno nos transportes, ou na rua, é sempre uma alegria.

"Nas minhas aulas há pessoas com habilitações muito diversas: de quem nom frequentara a escola a responsáveis políticos".

"Devemos perguntar-nos como iríamos reagir nós numa situação assim. Por muito diferentes que pareçamos, as pessoas somos muito semelhantes".

É muito lindo pensar que com o teu trabalho podes fazer a diferença na vida de alguém e a gratidão das pessoas compensa tudo.

O teu trabalho também tem uma dimensão artística, não é?

O CPR iniciou em 2003, no âmbito do ensino do português, um programa de teatro e língua que nos últimos três anos recebeu o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. O projeto "Refúgio e Teatro", coordenado pela professora Isabel Galvão e com a direção artística da encenadora e atriz Sofia Cabrita, oferece sessões de expressão dramática semanais, abertas a todos os refugiados, e um grupo de teatro amador, o "RefugiActo".

Mais recentemente, em 2015, iniciámos um segundo projeto, do qual sou coordenador. Um programa de artes visuais para jovens refugiados, com a parceria de escolas, artistas e outras entidades. O "Refúgio e Arte" conta com a direção artística do ilustrador Sérgio Condeço e faz parte do programa PARTIS da Fundação Calouste Gulbenkian.

As práticas artísticas são uma mais-valia para a aprendizagem da língua e uma ferramenta preciosa para a inclusão social.

Por último: o que aprendes dos teus alunos?

Devo dizer que é uma sorte trabalhar com a minha equipa. A minha colega, a professora Isabel Galvão, trabalha há 20 anos com pessoas refugiadas e costuma dizer que o nosso trabalho é um processo de ensino e aprendizagem. Este processo é bidirecional, entre o professor e os alunos.

Aprendo muitas coisas sobre as diferentes línguas do mundo e também questões culturais que podem causar mal-entendidos. Por exemplo; em alguns países africanos as pessoas não olham nos olhos quando falam com outras pessoas de mais idade ou como sinal de respeito, um comportamento que para nós pode significar falta de sinceridade.

Aprendo, e experimento, comidas diferentes. Recentemente, nas aulas de português, criámos um blogue onde partilhamos receitas dos diferentes países.

Sobretudo, aprendi que por muitas diferenças aparentes que tenhamos: cultura, crenças, etc., somos muito semelhantes, há sempre muitas mais coisas que nos unem do que as que nos separam.

ronseis / Do Santo Cristo... / **24**

cultura / A regueifa de hoje / **28**

país / Botequim de inverno / **30**

A origem do cam de palheiro

Na Galiza existiu um tipo de cans que guardavam as propriedades e ajudavam a tornar as vacas, os quais foram conhecidos comunmente como 'cans de palheiro'. Em 2001 a Junta publicava os traços oficiais de quatro raças caninas supostamente autóctones, entre elas o cám de palheiro, cuja descriçom guardava certa similitide ao pastor alemám. Algumhas vozes apontam a que estes 'palheiros da Junta' teriam sido os filhos mestiços dos pastores alemáns chegados na década de 40. Na década de 90, investigadores galegos indicavam que o cam de palheiro que esteve presente nas nossas terras pouco tinha a ver com os pastores alemáns e assinalavam a sua proximidade a raças caninas com presença no Portugal, como o cam de Castro Leboreiro. páginas **26-27**

carla trindade

Ourense: do Santo Cristo ao sincretismo

rubén melide
rubenmelide@novas.gal

Nos últimos tempos, circunstâncias bem terreais dérom com os nossos ossos na velha Áuria. Aproveitando a conjuntura, decidimos matar dous pássaros dumha cajadada e escaravelhar na vertente lendária e um tanto misteriosa da cidade.

Rodeada de outeiros por toda a parte, envolta permanentemente em brêtemas e ourelada polos seus três rios, a milenária vila das águas quentes algo havia de guardar para nós. E com certeza: as nossas pesquisas conduzírom-nos às proximidades da mae das igrejas ourensanas, onde demos com umha testemunha bem sabedora do que calam as pedras. Tanto foi assim que, da longa conversa que com ela mantivemos, o papel há-de darnos apenas para refletir algum retalho.

O Jesus marinheiro de terra adentro

Se falarmos de mística e de transcendência nesta cidade, todos os olhares conduzirám para o Santo Cristo, depositário de todas as devoçons. Refere a lenda que quando crucificárom o filho de Deus, um tal Nicodemo estava lá presente, tendo a ocasiom de fazer umha talha copiando o corpo de Jesus crucificado. As reproduçons que fôrom feitas começárom a circular por várias partes da Europa, chegando umha delas a Fisterra, havendo quem diz que foi numha barca de pedra. Tendo-o visto ali Vasco Peres Marinho -que posteriormente seria bispo da sé ourensana- mandou fazer um exatamente igual para a catedral da cidade. Assim, o Santo Cristo de Ourense foi, durante muito tempo, patrom dos marinheiros. Na sua capela eram colocados numerosos ex-votos em forma de barco para que protegesse os homens do mar. Segundo contam, em Fisterra uns piratas roubaram a talha do Santo Cristo que, dada a devoçom que concitava, tinha muito valor. Quando os ladrons navegavam a poucas milhas da costa, desatou-se umha trovoada que afundou o barco, voltando o Santo Cristo polas águas até a vila do fim do mundo.

Em Ourense dizia-se que a água das Burgas manava sob os pés do Cristo. Também existiu a crença popular de que se tratava dumha múmia, dado que tinha cabelo e unhas naturais, persistindo esta ideia até o dia de hoje entre gente idosa. Da mesma maneira, estava estendido na cidade o boato de que à imagem lhe crescia o cabelo. Isto devia-se ao facto de o Santo Cristo possuir duas perucas diferentes, que os clérigos se encarregavam de ir trocando. Os artífices do troco, sabendo que a crença era falsa, nunca a desmentírom, pois dava fama à imagem e à catedral. Ainda é hoje o dia em que vem gente a ver o Cristo ao que lhe crescem os cabelos.

miguel auria

Fai pouco tempo, o conhecido cabeleireiro ourensano Paco Gallego elaborou umha peruca nova para o Santo Cristo, toda ela de cor de mogno. O caso foi que as devotas nom gostárom do novo estilo do Messias, de maneira que a peruca foi retirada da circulaçom e condenada ao ostracismo.

Muito tempo antes, parece que no século XIX, umha moça nom assistiu às novenas da catedral para acudir às Burgas, cenário de encontros eróticos e amorosos na altura. Estando nas fontes quentes da cidade, resulta que meteu umha mao na água, com o azar de queimar umha mao até o ponto de a perder. A rapariga arguiu que fora lavar a roupa. A gente atribuiu os factos a um castigo do Santo Cristo por nom ter ido às missas, referindo as más línguas que a tal falta se acrescentava o pecado do adultério. Esse episódio motivou o depósito de ex-votos em forma de mao, que se podem ver até o dia de hoje nas proximidades da imagem.

Ritos afastados da ortodoxia cristá

Perto do Cristo existe um púlpito cuja base está constituída por um atlante que o sustém com a sua força sobre-humana. As pessoas fiéis procuram tocá-lo sempre que puderem, porque existe a crença de que tem propriedades benfeitoras para quem tiver contacto físico com ele. Isto, segundo ouvimos, pode ter a ver com a crença, originária de tempos pré-cristáns, de o tal atlante ser também de natureza divina. A respeito disso, a nossa informante relata-nos que umha senhora que estava a tocar a figura lhe explicou que é umha encarnaçom da força, o que nos daria umha amostra da diversidade de cultos que tenhem lugar hoje em dia na catedral de Ourense, nem sempre acordes com a ortodoxia cristá.

Por trás do púlpito do atlante há um altar de Sam Miguel, de quem é conhecida a sua descida aos infernos para derrotar o demo, cousa que atingiu. O maligno aparece representado em numerosas ocasions na catedral de Ourense, cousa que nom é frequente em templos cristáns. Ao referido diabo que está sob o Sam Miguel tenhem-lhe aparecido flores metidas na boca, concretamente cravos. Trata-se dumha circunstância estranha e complicada de explicar, dado que se trata dum altar muito alto, ao que a umha pessoa maior nom lhe resulta nada doado aceder. Sendo retiradas as flores da boca do diabo umha vez que estám murchas, estas aparecem de novo umha vez e outra.

O escultor e o novo culto

Umha vertente recente da religiosidade popular ourensana é a encetada polo escultor contemporâneo Acisclo Manzano. Recebendo a encomenda de realizar umha imagem nova do Salvador para a catedral. Manzano, elaborou um novo Cristo que foi colocado numha capela que lhe concedia umha notável visibilidade dentro do templo. À morte do velho bispo, o seu sucessor, nom sentiu tanta estima como ele pola nova obra, o qual motivou que desse ordem de removê-lo da sua situaçom sob o pretexto de que nom tinha devoçom. Assim, o Cristo foi depositado num desvám. Porém, à sua morte, um terceiro bispo resgatou-no, mandando-o colocar na catedral, sobre a tumba daquele segundo bispo que o figera retirar.

Estava estendido na cidade o boato de que à imagem lhe crescia o cabelo. Isto devia-se ao facto de o Santo Cristo possuir duas perucas diferentes

Cada certo tempo, Manzano visita a catedral para realizar um ritual com o propósito de gerar devoçom sobre a imagem da sua autoria. O escultor fai um percurso programado polo templo rezando umha série de oraçons diante de certos símbolos e imagens numha ordem concreta. O périplo acaba, como nom podia ser doutra maneira, com umhas oraçons diante do seu próprio Cristo.

Para além disso, o escultor realiza réplicas em miniatura da imagem. Segundo ele, se umha pessoa o receber como presente (nom vale adquiri-lo para umha própria), dar-lhe-á boa sorte. Deixando de lado explicaçons mais científicas –e talvez de mais peso-, é provável que a magia cristá de Manzano seja efetiva, dado que o presidente Baltar recebe umha figurinha algum tempo antes de cada convocatória eleitoral. A nossa testemunha relata-nos que Baltar se desfaz das pequenas figuras depois das eleiçons, depositando-as em lugares simbólicos e recebendo umha nova quando o ritual democrático exige o seu par religioso. Apesar da surpresa que puider provocar, a nova ritualidade implementada polo escultor vai ganhando aceitaçom, sendo repetido o seu protocolo na sé por cada vez mais gente. Porém, o maior sucesso é o associado às suas prodigiosas miniaturas: segundo reflete a ediçom eletrónica ourensana do Faro de Vigo (19/08/2016), entre os utentes dos milhares de figurinhas milagreiras elaboradas por Manzano desde que era quase umha criança figuram personagens como o já falecido ex-presidente do Parlamento, Victorino Núñez, o também finado pintor Xaime Quessada ou o dono do hotel Araguaney da capital do país.

A GALIZA NATURAL/

O cão-de-palheiro que foi

joão aveledo

Deron os abecedarios
A nova da tua morte,
Meu vello can de palleiro,
Meu vello can de palleiro,
Abandonado da sorte.

'Notas Necrolóxicas'
Celso E. Ferreiro

nerea lameiro

Segundo tudo indica, houve na Nossa Terra um tipo de cães que guardavam a casa e as propriedades, ajudavam a tornar as vacas e mesmo acompanhavam os marinheiros nas suas fainas. Estes cães dormiam no palheiro e esta sua casinha deu-lhes o nome. Com a passagem do tempo, o termo 'palheiro', seguindo a tradição de desprezar o que é nosso, passou a ser sinónimo daqueles que os portugueses denominam 'rafeiros' e os brasileiros 'vira-latas', quer dizer, dos cães sem raça.

Antes de falarmos do cão-de-palheiro, debrucemo-nos no conceito de raça, que tal e como o entendemos hoje, foi inventado polos britânicos a meados do século XIX com a criação do Kennel Club. As raças caninas antigas não eram as raças puras atuais, fruto duma criação seletiva endogámica conforme a rígidos estalões, quer dizer, de acordo com "standards cinológicos" que determinam quais características morfológicas e comportamentais deve possuir um cão de raça. Anteriormente, o que havia eram, mais exatamente, agrupamentos raciais ou, melhor, ecótipos raciais onde os cães, tal como acontecia com o resto de animais domesticados, eram selecionados, fundamentalmente, com critérios de funcionalidade. E foi assim que surgiram os coelheiros, os perdigueiros, os mastins, os pastores... diferentes tipologias caninas que se têm diversificado em razão da sua adaptação aos ambientes locais e aos caprichos da genética. Mas há que sublinhar que nestes ecótipos raciais predominava a variabilidade, quer morfológica, quer de caráter, sobre a homogeneidade.

É possível que na Galiza existisse um pastor, alobado e de orelhas eretas, como existiu em muitos outros territórios da Europa?

As raças modernas também têm muito a ver com o nacionalismo. O conceito do estado-nação, surgido a cavalo dos séculos XVIII e XIX, procura para a sua legitimação diversos e variados símbolos. As raças de animais domésticos e, nomeadamente, as raças caninas tornaram-se num desses poderosos instrumentos que dão naturalidade à nação. São parte do nacionalismo banal, esse quotidiano e inconsciente teorizado por Michael Billig. Poremos um exemplo significativo. A Alemanha, unificada em 1871, também quis ter uma raça canina emblemática e assim um militar chamado Max von Stephanitz, usando cães pastores locais de Vurtemberga, Turíngia e Baviera, "inventou" em finais do século XIX o pastor-alemão. O seu sucesso foi enorme, difundindo-se primeiro entre as famílias aristocráticas e burguesas, para depois se converter na raça canina mais popular de todo o século XX. Na Galiza, a partir de 1936, a sua expansão vê-se favorecida polas relações fraternais entre o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães e a Falange Espanhola, mas serão as décadas de sessenta e setenta as da grande invasão, não ficando, praticamente, aldeia galega sem o seu pastor-alemão...

Um pastor galego?

Em 2001, impulsionado por subvenções da União Europeia, o Governo Galego publica os estalões oficiais de quatro supostas raças caninas autóctones, o podengo-galego, o perdigueiro-galego, o quisquelo e o cão-de-palheiro. As duas

nerea lameiro

primeiras correspondiam-se (na origem) com as portuguesas podengo-português-meão e perdigueiro-português, o que provocou a irritação dos criadores lusos. A última com um cão pastor assombrosamente similar aos pastores-alemães, mas aos primeiros pastores-alemães, um bocado diferentes dos modernos cães de exposição, muito mais ligeiros... como a própria Blondi, a cadela de Adolf Hitler.

É possível que na Galiza existisse um pastor, alobado e de orelhas eretas, como existiu em muitos outros territórios da Europa? É. De facto, achamos no castelo de Santo Antão, na Crunha, um sarcófago gótico do séc. XIV onde se encontra a mais antiga representação dum cão deste tipo na Península. Porém, somos muitos a pensar que estes "palheiros da Junta" são mormente filhos mestiços dos pastores-alemães que chegaram massivamente ao nosso país desde os anos quarenta. Não foi feito ainda qualquer estudo genético que demonstre o carácter genuíno da raça. Nem esta foi ainda reconhecida por qualquer instituição cinológica estatal ou internacional. Aliás o nome, em todo o caso, deveria ser pastor-galego, porque o autêntico palheiro era um cão bem diferente...

À falta de fontes documentais temos comunicações que definem uns traços comuns para o cão-de-palheiro: cães de porte meio, robustos, com um certo ar amastinado e de orelhas pendentes. A pelagem rija e espessa podia apresentar variedade de cores, abundando o amarelo

Investigando o palheiro

Toda a vida se falou no cão-de-palheiro. Castelão dedicou-lhe um dos seus desenhos em *Cousas da Vida*. Para Cordo Boulhosa, o magnate petroleiro português de origem galega, era a lembrança infantil que tinha ficado com mais força na sua memória e foi assim que mandou erigir-lhe um monumento na aldeia familiar de Caritel, em Ponte Caldelas (uma escultura de J. Luís Penado hoje, infelizmente, roubada). O cantautor Bibiano, pola sua parte, serviu-se dele para criticar dissimuladamente a ditadura franquista. Menciona-o também Celso Emílio num dos seus poemas. Mas o problema foi que quase ninguém se ocupou de o estudar, nem de o proteger.

Em 1993, o veterinário espanhol C. Contera descreve a raça para *La Revista del Perro*. Em 2008, J. Manuel Bouzo no artigo 'O cão-de-Castro-Laboreiro cita-o como "o mastim do país", na sintética descrição de M. Ferreño, um dos seus informantes. Dous veterinários galegos, Jorge Díaz e Ezequiel Pérez, na década de noventa pensaram em fazer a sua tese de licenciatura sobre estes cães, mas o projeto viu-se truncado e as conclusões das suas investigações de campo nunca chegaram a publicar-se. Ora, à falta de fontes documentais, temos comunicações pessoais e todos os testemunhos definem uns traços comuns: Cães de porte médio, robustos, com um certo ar amastinado e de orelhas pendentes... nunca pontiagudas! A pelagem rija e espessa podia apresentar variedade de cores, mas abundavam os amarelos. Fiéis e com um marcado instinto de guarda, dotados duma grande rusticidade e próximos doutras raças como o cão-de-Castro-Laboreiro ou o cão-majorero. Desconhecemos se algures poderiam restar exemplares com certo grau de pureza, mas sabemos que esta tipologia de cães se conservava ainda, na década de noventa, em amplas regiões do sul de Ourense e da Dorsal Galega.

Enfim, já se está a ver que o palheiro não tinha lá muitas parecenças com o pastor-alemão, o principal causante da sua mais que provável extinção, mas conta-lhe às crianças que o Pai Natal não é o que a Coca Cola desenhou ou convence a gentinha deste Impaís que o autêntico cão-de-palheiro não é o do anúncio do Gadis.

P.S. O nosso especial agradecimento a J. Manuel Bouzo, Jorge Díaz e Gonzalo F. Fernández polos seus contributos.

MÚSICA /

“Umha mosca nom fai verao”

A atualidade da improvisaçom oral

josé manuel iglesias / séchu sende

alba maría rodríguez

“Dizem que umha mosca soa / ai, que nunca che fai verao” cantou o brindador Antonio Río, mais conhecido como o Ribeira de Louzarela, num jantar organizado em 2009 pola asociaçom ORAL da Galiza e a Central Folque. Nela reuniu-se algum regueifeiro e vários brindadores que como o Antonio, som os últimos cultivadores do brindo do Courel. O brindo e mais a regueifa constituem-se como duas modalidades de poesia oral improvisada, duas caras da mesma moeda da tradiçom oral vinculadas aos cantos de casamento, um germolo incomensurável de diálogo e versos.

Por muitos anos achou-se que o Ribeira de Louzarela e outros improvisadores como Fermín da Feira Nova, Guillermo da Rabadeira, Suso de Xornes ou Antonio de Xornes eram as derradeiras moscas dum verao que estava a piques de rematar. O discurso da perda iminente da improvisaçom oral como tradiçom mantivo-se vigente até há muito pouco, quando nos obradoiros de regueifa organizados pola asociaçom ORAL na contorna de Vigo começou a medrar um maior interesse por esta arte. Após a estela de Pinto d’ Herbón, Josiño da Teixeira, Bieito Lobariñas ou Luís O Caruncho umha cheia de adolescentes de Vigo começam a improvisar em galego nos recreios. Seguiam as ensinanças destes novos repentistas de finais do século XX, vinculados à música tradicional ou mesmo ao bravu, no caso de Herbóm. Depois dos obradoiros oferecia-se, e segue a oferecer-se a cada ano, a participaçom dos centros educativos no Certame Escolar de Regueifas na paroquia viguesa de Valadares. Se o tal certame apresenta-se como ponto de encontro, nom o é menos a aula de improvisaçom que leciona Josiño da Teixeira no Centro de Interpretaçom da Oralidade de Vigo, cuja duraçom é dum curso escolar.

O IES Marco do Cambalhom introduziu a regueifa na escola como valor pedagógico

O ponto de inflexom para este fenómeno marca-se em 2015 através da criaçom do projeto educativo Regueifesta. Séchu Sende, professor do IES Marco do Cambalhóm de Vila de Cruzes e Manolo Maseda, diretor do IES Maximino Romero de Baio, juntam as suas forças e inquietudes e introduzem a regueifa na escola como valor pedagógico. Apostam na formaçom comunicativa e musical dos jovens através da animaçom sociocultural, fazendo ao alunado consciente das suas propiás capacidades organizativas. Convertem, pois, pessoas de entre 12 e 18 anos em agentes culturais. De aí, o sucesso de projetos paralelos coma “Regueibertso”, que busca um encontro entre Euskal Herria e mais Galiza misturando bertsolarismo e regueifa.

A isto somamos um importante facto: a posta em funcionamento da matéria de libre configuraçom autonómica de “Regueifa e improvisaçom oral em verso” no IES Marco do Cambalhóm, com Séchu Sende como professor. Nesta matéria o alunado aprende recursos formais, história da improvisaçom e sobretudo achega-se ao mundo cantando dumha aprendizagem significativa. Unindo-se isto aos materiais que se estám a criar para formar a docentes e expandir o projeto observa-se o pulo á participaçom direta e de coresponsabilidade de todos os agentes da comunidade educativa.

Em 2016 vê a luz o fruito dumha longa investigaçom, o libro *Repente galego*, de Ramon Pinheiro Almuinha, com a análise musicológica de Sergio de la Ossa. Promovido pola asociaçom ORAL, este trata-se da primeira história sobre a improvisaçom oral galega. A palavra ‘repente’ foi escolhida para denominar a todo o género, ao se constituir como um rótulo que abrange muitas modalidades. Além disto alude a perspetiva da obra oral que se cria e se destrui ao mesmo tempo, aquela que nasce ‘de repente’. Da *tençó* medieval para os torneios poéticos inspirados no *slam poetry*, passando polos *aboios*, as *cencerradas* ou os *atranques* dos xenerais da Ulha durante o entruido, vai-se sachando num terreno baixo o que se agocham um maior número de sementes do que semelhava num princípio. Pesquisa-se na tradiçom para explicar os por-

I Encontro de Mulheres Repentistas da Galiza, nas Cruzes em Janeiro de 2017
regueifesta

quês da modernidade de numerosos pontos de vista como a retórica (lembre-se que a improvisaçom oral galega é um exercício de retórica epidíctica) a etnografia ou a musicologia. Pom-se de relevo, assim mesmo, a variedade de artes improvisatórias galegas, quase todas elas com umha constante de argumentaçom e comicidade. O libro *Repente galego* serve, portanto, nom só para tirar luz da informaçom que nunca foi tomada em conta nos estudos dumha Academia pouco preocupada pola tradiçom, senom que também supom umha toma de consciência da riqueza do património oral da Galiza de ontem e hoje.

Trás esta toma de consciência, de muito diversos ámbitos fôrom abrindo-se novos caminhos nunca antes explorados. O carácter humorístico e de debate que possuía o repente galego no século XX semelhava nom aquecer de todo as arelas expansivas de quem se achegava a estas modalidades no XXI. A inclusom de novas realidades na improvisaçom oral galega era um tema que a falta de comunidade entorno à improvisaçom elidira. A visom destes fenómenos como umha peça de museu anquilosada na tradiçom provocara um imobilismo que parecia difícil de salvar.

Um dos temas mais escurecidos foi sempre o da presença das mulheres na improvisaçom oral. Nom é de estranhar, se se observa umha sociedade profundamente patriarcal como a galega, que as mulheres nom figurassem na cena pública. Trás o salto da regueifa ou o brindo do seu carácter de epitalamio até se constituir num espetáculo em si próprio nos palcos das festas, nom houvo umha mudança nesta realidade. As mulheres improvisavam, pois esse era o jeito de se expressar de toda umha sociedade rural, mais o seu ámbito era o lar, a família, e quase nunca o exterior. Ainda contudo, conhecemos alguns dos seus nomes: Leonarda de Tallo, Sinforosa de Neaño, Hermosinda de Tabuído ou Sara Cundíns. No Courel, na aldeia de Campelo, vive com avançada idade a última brindadora, Angelita de Baño. Angelita é filha de Esperanza Crespo, que a precedeu na arte da improvisaçom de casamento em casamento, pois era cozinheira nelas. Assim, depois do flash cegador dos improvisadores acha-se a luz da vela das improvisadoras, que apesar de esmorecer em muitas ocasions, mantém-se viva até hoje.

Assim é como no calor da chama das repentistas do século XX medram as novas repentistas no XXI. É nesse momento quando se percebe a força do espertar cara à vida pública das que herdárom a força de regueifeiras, brindadoras, cozinheiras dos casamentos, fiadoras... Escuitárom-se por primeira vez na televisom galega coplas improvisadas que falem de feminismo: "A verdade é que nós/somos todas, ai, artistas/ no século XXI/ a regueifa é feminista". É neste ponto quando os seus nomes emergem como umha cidade assulagada que se rebela contra os séculos: Lara do Ar, Yolanda das Cereixas, Noa do Capóm, Nuria Penas, Alba María, Sara Marchena, Esther Porrit, Silvinha, Lupe Blanco, Marisa Otero, Branca Trigo... A média de idade destas mulheres nom supera a trintena. A sua vontade de impulsar o género e fazê-lo medrar no futuro através de um discurso feminista sim supera qualquer cálculo e semelha firme.

Esta firmeza materializa-se em 28 de janeiro de 2017, quando se celebra o I Encontro de Mulheres Repentistas da Galiza em Vila de Cruzes. Organizado polo alunado do projeto Regueifesta, o encontro supujo um espaço de diálogo, intercambio e conhecimento mútuo entre as improvisadoras. Contou-se com um obradoiro de regueifa feminista, umha assembleia e mais umha mostra onde participárom, além das mulheres arriba mencionadas, nomes tam senlheiros como Marisol Manfurada e Josefa de Bastavales. Da mao das improvisadoras o repente galego logra, a partir da sororidade, mudar o tradicional discurso heteropatriarcal e incluir orientaçons que avogam pola diversidade sexual em todas as suas manifestaçons.

Tomam (tomamos) a palavra. E já nunca mais vamos soltá-la. O resto som tarefas pendentes: criar público e novos circuitos onde se desenvolver profissionalmente, educar umha sociedade nada afeita ao erro latente em toda improvisaçom, promover o repentismo como ferramenta de ensino interdisciplinar... Mais os retos, se se cantam, e sobretudo se se cantam coletivamente, som mais levadeiros. Pois hoje as moscas nom estamos soas e construímos o verao com cada palavra das nossas gorjas:

As palavras som as armas
pra que haja outro futuro
e as mulheres que improvisam
usam-nas pra deitar muros.
(...)
Das mulheres regueifeiras
por fim chegou o momento
e imos precisar espaço
pra o nosso empoderamento.
(...)
Passamos a primeiro plano,
Imos-vos falar direito:
da nossa improvisaçom
agora somos sujeito.
(...)
Dirigimos nós os olhos
para nos ver a nós mesmas:
quatro pontos cardinais,
quatro versos de regueifa.
(...)
Umha verdadeira festa
será esta revoluçom
da poética inclusiva
popular a dar o gong.
(...)
A regueifa agora mesmo
de machista é o que mais.
Temos que empoderar-nos:
todas somos samurais!

(Extrato do manifesto da I Assembleia de Mulheres Repentistas da Galiza)

BOTEQUIM DE INVERNO /

Remédios para a depressom ou a paletilha caída

maria bagaria frá
ervameira.blogspot.com

CaQuando eu era nena a minha avoa levantava a paletilha, o único órgao que apenas possuímos as galegas, nenhuma outra cultura. Quando a paletilha está caída o quadro sintomático assemelha-se ao que a medicina moderna catalogaria como ansiedade, stress, depressom: tristura injustificada, desacougo, desânimo. Por estar caída, a paletilha preme na boca do estômago e provoca dificuldades para respirar fundo, falta de apetite, dificuldades para conciliar o sono, apatia,..(nom me estendo mais, conhecemos o que é).

A cozinha da casa da minha avoa é grande, com a cozinha de ferro centrada e um messado de arredor onde bem colhe umha dúzia de pessoas. Diante dela sentava o paciente (lembro serem sempre homens) com as pernas esticadas e as costas erguidas. A avoa, situada às costas, agarrava os braços e esticava-os cara o teito. Se as pontas dos dedos nom coincidiam na altura, confirmava-se o diagnóstico. Logo levava-lhe os braços adiante, atrás, adiante, atrás, várias vezes até que a paletilha se recolocava. Caso nuns dias os sintomas permaneceram, era necessário repetir a operaçom. Tinha muito boa sona a minha avoa na minha paróquia de Lugo e colocava muito bem a paletilha, mas nunca albisquei nela nenhuma mostra de vanidade por isto.

Noutras latitudes da Galiza a explicaçom dos problemas como a paletilha (ou espinhela), nom é exatamente a mesma e também se ajudam de algumha erva, com as que se fustigam as costas, como o loureiro (Laurus nobile), dalgum rezo que desconheço e de aceites e alcoolaturas para esfregar o peito e as costas. Outras fórmulas para espantar o demo da casa consistem em queimar ervas secas como a abelúria ou erva de Sam Joám (Hipericum perforatum) para purificar o ambiente, erva à qual é relativamente recente a atribuiçom de propriedades antidepressivas no ámbito farmacêutico. Noutras ocasions, o tratamento da tristura está mais próximo da nossa compreensom das ervas medicinais, utilizando tisanas, como sucede com o romeu (Rosmarinus officinale).

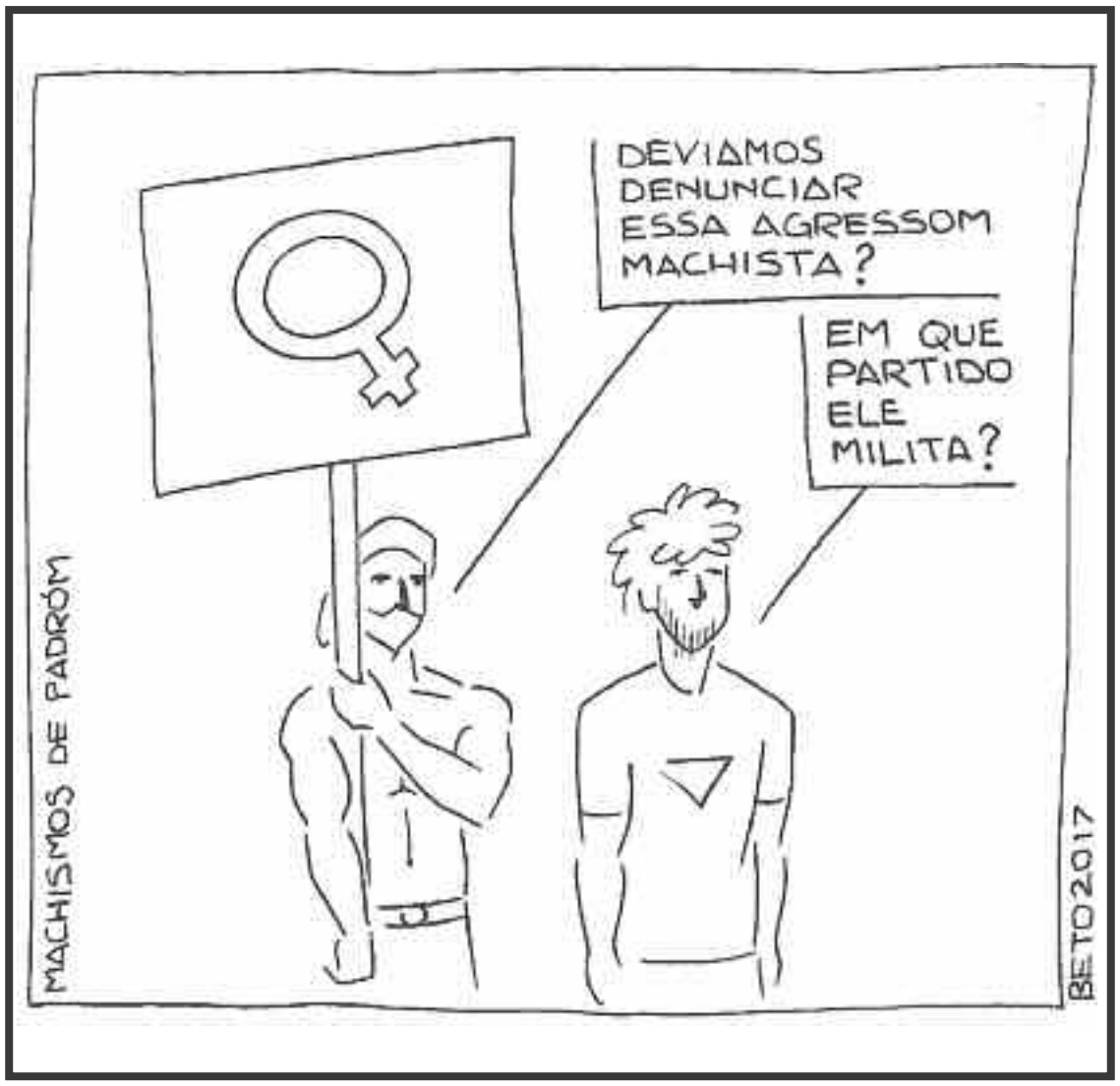
nerea lameiro

A paletilha caída e a depressom som formas distintas de nomear factos similares, já que se os considerássemos idénticos estaríamos a simplificar muito a questom. Cada umha delas som doenças de duas sociedades distintas e, ainda sendo objetivamente similares, nom o som culturalmente. Cada sociedade gera as suas próprias enfermidades e desenvolve a sua cura, atendendo a sua cosmovisom e experiência coletiva, por isto a partir da década de 90 do século passado, a minha avoa deixou de subir paletilhas, mesmo esta desapareceu do corpo das vizinhas. Se agora perguntamos por ela, as respostas ecoam certa vergonha, nom assim ao falar de ansiolíticos e psicoterapeutas.

Agora que estamos a compreender que a visom mecanicista do corpo que aplica a medicina convencional tem grandes limitaçons, e que a depressom se converte no primeiro problema de saúde pública, parece tomar pulo outra cosmovisom distinta sobre a saúde e a doença, a vida e a morte, em que, no lugar da paletilha, temos o terceiro chacra e o demo nom se espanta, senom que se constelam os mortos.

Mas se, de um ou doutro modo, o problema persiste. Quiçá deveríamos procurar outros dos ingredientes principais do remédio da paletilha: Aquela comunidade sentada ao redor do lume, frente à qual umha pessoa expunha a sua dor e achava, por médio de aquele ritual, a empatia e compreensom das suas; e a gratuitidade da habilidade da minha avoa, como a de tantas outras, que nom era reconhecida como individual e, portanto, nem obtinha nem procurava lucro.

HUMOR / BETO



CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez
CSOA ESCÁRNIO E MALDIZER
Algália de Riba

VIGO/
A COVA DOS RATOS
Romil
FAISCA
Calvario
A REVOLTA DO BERBES
Rua Real
CSOA A QUINTA DA CARMINHA
Rua do Carme

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

LUGO/
ATENEO LIBERTARIO A ENGRANAXE
Rio Sil
CS MADIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Verea do Polvorim
CS GOMES GAIOSO
Monte Alto
ATENEO XOSÉ TARRÍO
Bairro dos Malhos
CSOA A INSUMISA
Beiramar

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLAN
Magdalena

PONTE AREIAS/
CSA O FRESCO
Bairro da Ponte

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Boa Vista
CSOA A CASA DA ESTACION
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

JORNADA SOLIDÁRIA COM AS ENCAUSADAS DA SALA IAGO.
Este ato começará com umha palestra informativa sobre a situaçom das pessoas julgadas pola ocupaçom da compostelana Sala Iago em 2011 e continuará com representaçons teatrais e um ceador.
CS A GALLEIRA, OURENSE
SEXTA-FEIRA 24 DE MARÇO ÀS 20h

'ECLOSOM', CERTAME DE MÚSICAS EMERGENTES.
Finaliza o prazo de votaçom popular do certame musical convocado pola Gentalha do Pichel. Podem-se escuitar os áudios das participantes em: eclosom.bandcamp.com
CS O PICHEL, COMPOSTELA
SEXTA-FEIRA 31 DE MARÇO ÀS 23.59h

CAFETA TATTOO SOLIDÁRIA.
Duas jornadas com palestras e sessons de tatuagem em que o benefício será destinado a trabalho antirepressivo.
CSOA ESCÁRNIO E MALDIZER
SEXTA-FEIRA 7 E SÁBADO 8 ABRIL

(vem da página 31)

para quem tem família, umhas férias num país exótico; para quem nom puido rematar os estudos, a matrícula para voltar à universidade. O espetador aprende que a empresa é um barco onde patrom e marinheiros devem remar juntos, que umha boa comunicaçom pode resolver qualquer conflito entre explorador e explorado e que o chefe, se dás todo pola empresa, pode ser o melhor companheiro.

23:30. Remata o programa. Vamos para a cama, que amanhã toca voltar para o mundo real.

Carolina Sertal,
artista fundadora de A Saia da Carolina

"Mercantilizar algo é perder parte do seu gozo"

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

Carolina Sertal trabalha como jornalista quarenta horas por semana e dedica boa parte do seu tempo de lazer a plasmar num livro os testemunhos do golpe militar colhidos pola Associaçom de Memória Histórica de Redondela. Ademais, inicia o projeto artístico 'A saia da Carolina'.

Com tanta atividade, como és capaz de acrescentar mais umha tarefa?

A Saia da Carolina nasce quando estava no desemprego. Ao ser jornalista, pensei em fazer-me *freelance*, em pôr em andamento um meio de comunicaçom... Entom, retomei as aulas de pintura e o projeto, de forma natural, veu a mim.

Por que escolhes esse nome?

Representa os meus valores. Queria fugir de iniciativas como Mister Wonderful, que mostra um mundo de 'iupi' e está muito de moda, para apostar na nossa identidade, a nossa cultura, os nossos provérbios, o nosso idioma. Por que um frase em inglês vai ser mais bonita que um verso de Rosalia?

Umha das cousas que fas é o chamado 'belly painting', pintar as barrigas das mães. Por que gosta tanto essa atividade?

As mulheres destacam a sensaçom relaxante do pincel na barriga e o movimento da bebé cara onde pintas. Desconheço os efeitos concretos para a criança mas sim se nota certa estimulaçom. Ao pintar a barriga, colocas no corpo o que a pessoa gosta e permites, além disso, obter um recordo próprio, diferente e único da gravidez.

Como vives a pintura?

Gosto de pintar quadros a óleo pola calma que me transmite. Meto-me nas possibilidades infinitas de cada traço! Reconheço que, depois, me custa muito desfazer-me dum quadro. Preciso de saber desde o princípio que nom vai ser para mim. Quando dás um quadro também dás umha parte de ti. Só ti sabes as horas que investiche, a frustraçom de nom encontrar a cor exata e que, após tempo e esforço, pudeche conseguir.

Começache com isto no desemprego mas agora trabalhas e nom dependes do projeto. Que futuro tem A Saia da Carolina?

O projeto funciona mui bem! O facto de nom depender economicamente dele faz com que o desfrute mais. Quando mercantilizas algo, perdes parte do seu gozo. Ainda que adoro pintar, às vezes noto que perdo parte da liberdade. É inevitável que, ao vir imposto, se escape algo do sentido inicial.
Tem em conta que com um quadro podo estar a trabalhar dous meses dependendo da dificuldade. E, claro, também quero pintar para mim!

No mundo de multitarefas, é importante ter um tempo para fazer o que gostamos?

A ideia de estar constantemente a produzir nom é nada boa. Precisamos de tempo para descansar, para nos cuidar, para parar. A dia de hoje, pergunto-me como podia estar tam cega para nom ver a paixom que mantenho desde pequena, desde os três anos? Daí vem a razom de este projeto ser tam importante para mim, um valor que vai ligado comigo.

O patrom infiltrado

Winston Smith

Há um programa em 'La Sexta' que vos quero recomendar. Trata-se dum *reality* intitulado *El jefe infiltrado*. A cousa é a seguinte: Um empresário fai-se passar por um novo trabalhador na sua própria companhia, para vigiar 'de dentro' como trabalham os seus empregados. Para nom ser descoberto, a equipa do programa disfarça-o de pobre: cabelo rapado ou tingido, brincos e/ou *piercings*, roupa desportiva... a caricatura *chav* completa. Com algum engano, justificam a presença de câmaras para os trabalhadores nom suspeitarem.

O chefe infiltrado acompanha os seus empregados durante as suas jornadas, descobrindo que nem sempre cumprem estritamente os protocolos da empresa, que nom estám motivados com o choio, que nom som todo o amáveis que deveriam, etc. Como pode ser? Num segundo momento após comprovar que o trabalhador nom é um robot, o chefe infiltrado interessa-se polas suas vidas e descobre os problemas que lhes impedem ser mais produtivos: um técnico que leva três anos encadeando contratos temporais dumha semana, umha limpadora de hotel que cuida ela soa dos seus três filhos, um rapaz que ia para engenheiro mas tivo que deixar os estudos devido à crise...

O melhor do programa é o final. O chefe desvenda a sua autêntica identidade. Primeiro, os empregados levam umha bronca por algumha cousa que observou o patrom durante a infiltraçom. A seguir, quando parece que todo está perdido, o empresário mostra a sua cara humana e, sabedor de que o trabalhador mais produtivo é aquele que está feliz, começa a repartir prémios. Para precário, dá um contrato indefinido;

(remata na página 31)